



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

EVERSON DE SOUZA DA LUZ

**JUVENTUDES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO  
MÉDIO DE FAXINAL-PR:  
EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE  
COVID-19**

---

Londrina  
2024

EVERSON DE SOUZA DA LUZ

**JUVENTUDES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO  
MÉDIO DE FAXINAL-PR:  
EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE  
COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOC), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva

Londrina  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Luz, Everson de Souza da.

Juventudes de uma Escola Pública do Ensino Médio de Faxinal-PR : experiências no contexto da pandemia de Covid-19 / Everson de Souza da Luz. - Londrina, 2024.  
145 f.

Orientador: Ileizi Luciana Fiorelli Silva.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Sociologia da juventude - Tese. 2. Educação - Tese. 3. Ensino Remoto - Tese. 4. Faxinal-PR - Tese. I. Silva, Ileizi Luciana Fiorelli . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

CDU 316

EVERSON DE SOUZA DA LUZ

**JUVENTUDES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO  
MÉDIO DE FAXINAL-PR:  
EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-**

19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOC), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Ileizi Luciana Fiorelli  
Silva  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Angélica Lyra de Araújo  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Fábio Lanza  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 09 de abril de 2024.

Dedico esse trabalho às famílias que perderam seus entes queridos na pandemia de Covid-19, em especial aos jovens estudantes do ensino médio da escola pública, que tiveram suas vidas e sonhos interrompidos pela pandemia.

## **AGRADECIMENTOS**

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas. Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Prof. Dr. Ileizi Luciana Fiorelli Silva, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho.

Desejo igualmente agradecer a todos os professores das disciplinas que cursei ao longo desse mestrado, especialmente à Prof. Dr. Angela, cujo apoio e motivação foram importantes para chegar até esse momento. Também agradeço aos colegas de turma, que foram sempre prestativos e solidários.

Agradecimento especial aos professores e pesquisadores que estiveram em minha banca de qualificação, Angélica Lyra e Fábio Lanza, pelas preciosas contribuições, que agora retornam à banca de defesa final. Espero ter conseguido atingir as expectativas de ambos.

Por último e não menos importante, quero agradecer à minha família e amigos pelo apoio incondicional que me deram.

LUZ, Everson de Souza da. **Juventudes de uma Escola Pública do Ensino Médio de Faxinal-PR: experiências no contexto da pandemia de Covid-19.** 2024. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

## RESUMO

Esta dissertação analisa as experiências relatadas por jovens estudantes do ensino médio acerca do momento da pandemia da Covid-19, no Colégio Estadual Érico Veríssimo, localizado no município de Faxinal-PR. Construimos os problemas sobre os jovens estudantes desde a sociologia da juventude no campo da educação (Dayrell, 2007, 2010), (Bourdieu, 1982, 1984), interligando a discussão aos processos de construção dessa importante categoria sociológica, “juventudes”, estabelecendo um estudo sobre a relação entre juventude, escola e trabalho durante a pandemia de Covid-19. Elaboramos um instrumento de pesquisa que poderia ser respondido de forma aberta, por meio de uma proposta de redação em sala de aula, em que os/as estudantes pudessem contar sobre as suas experiências durante a pandemia. Como docente das turmas pesquisadas, adaptei a metodologia para solicitar uma redação de Maria José de Rezende (2009). Solicitamos que comentassem sobre como se sentiram durante o distanciamento social, a experiência com o ensino remoto, entre outros assuntos. Quarenta e cinco (45) estudantes escreveram as redações nas turmas do ensino médio, 2ª e 3º ano, em dois turnos distintos, matutino e noturno, após a dinâmica de atividades realizadas para coleta de dados. Das 45 respostas, 33 julgamos serem mais completas e desenvolvidas para a análise, enquanto em 11 delas indicavam o não engajamento e desenvolvimento das respostas, sendo, então, “descartadas”. A análise dos textos dos/as estudantes convergiram com dados de outros estudos: a pandemia prejudicou as aprendizagens, a socialização, a saúde física e mental e o ensino remoto aprofundaram as antigas desigualdades educacionais e de apreensão de conteúdos pré-pandemia.

**Palavras-chaves:** sociologia da juventude; educação; ensino remoto; efeitos da pandemia covid-19; Faxinal-Paraná.

LUZ, Everson de Souza da. **Youth at a Public High School in Faxinal-PR: experiences in the context of the Covid-19 pandemic.** 2024. 143 f. Dissertation (Master in Sociology) - State University of Londrina, Londrina, 2024.

## **ABSTRACT**

This dissertation analyzes the experiences reported by young high school students about the Covid-19 pandemic, at Colégio Estadual Érico Veríssimo, located in the municipality of Faxinal-PR. We construct problems about young students from the sociology of youth in the field of education (Dayrell, 2007, 2010), (Bourdieu, 1982, 1984), linking the discussion to the construction processes of this important sociological category, “youth”, establishing a study on the relationship between youth, school and work during the Covid-19 pandemic. We developed a research instrument that could be answered openly, through a writing proposal in the classroom, in which students could talk about their experiences during the pandemic. As a teacher in the researched classes, I adapted the methodology to request an essay by Maria José de Rezende (2009). We ask you to comment on how you would feel during social distancing, your experience with remote learning, among other topics. Forty-five (45) students wrote essays in high school classes, 2nd and 3rd year, in two different shifts, morning and evening, after the dynamics of activities carried out to collect data. Of the 45 responses, 33 we considered more complete and developed for the analysis, while 11 of them indicated non-engagement and development of the responses, and were therefore “discarded”. The analysis of the students' texts converged with data from other studies: the pandemic harmed learning, socialization, physical and mental health and remote teaching deepened the old educational inequalities and pre-pandemic content apprehension.

**Keywords:** sociology of youth; education; remote teaching; effects of the covid-19 pandemic; Faxinal-Paraná.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, parda .....	56
Figura 2 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, branca .....	59
Figura 3 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 19 anos, homem, preto .....	60
Figura 4 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, masculino, branco.....	61
Figura 5 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, masculino, pardo.....	62
Figura 6 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, masculino, parda.....	64
Figura 7 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, branca.....	69
Figura 8 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, branca.....	72
Figura 9 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, feminino, parda.....	73
Figura 10 - Redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, parda.....	74

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: dados coletados demonstrando o perfil dos estudantes, 2024 .....	54
--	----

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. 2. SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE: UM OLHAR CLÁSSICO ÀS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS .....	15
2.1. Juventude e a construção da categoria .....	18
2.2. Juventude enquanto categoria sociológica .....	23
2.3 Sociologia da Juventude e Modelos Sociológicos .....	26
2.4. As perguntas .....	31
3. O CONCEITO DE JOVEM ESTUDANTE E AS RELAÇÕES ENTRE JOVEM E ESCOLA .....	32
3.1 Juventude, Trabalho e Pandemia .....	38
3.2 Juventude, Escola e Pandemia .....	42
4. OS JOVENS ESTUDANTES DE FAXINAL-PR: DADOS EDUCACIONAIS DO MUNICÍPIO, EXPERIÊNCIAS RELATADAS E ANÁLISE DA COLETA .....	51
4.1 Metodologia de coleta de dados .....	53
4.2 O relato da coleta de dados .....	54
4.3 Descrição dos dados coletados.....	55
4.4 A experiência por meio da escrita dos jovens estudantes .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERÊNCIAS .....	81
APÊNDICES .....	84
ANEXOS .....	85

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação estudou as experiências vividas por jovens estudantes do Ensino Médio durante a pandemia de Covid-19 em uma das escolas públicas do município de Faxinal<sup>1</sup>, no estado do Paraná. Nela, refletimos sobre a juventude como categoria sociológica nas dimensões das discussões da sociologia da juventude e da educação acerca dos aspectos geracionais, do trabalho e da escola.

A pesquisa foi realizada no cenário da pós-pandemia, tendo em vista que esse fenômeno marcou significativamente a experiência escolar de inúmeras crianças, adolescentes, jovens, familiares e todos os profissionais que estiveram envolvidos. Por meio dessas mudanças significativas, buscamos desenvolver o argumento principal do texto, espelhando a produção sobre a juventude existente no cenário pré-pandemia com o pós-pandemia, de modo que garantimos a especificidade do objeto por meio de depoimentos dos jovens que vivenciaram esse processo na referida localidade. Coletamos as escritas desses/as jovens estudantes sobre a recente experiência de Ensino Remoto, pois, em 2023, estavam cursando a segunda e terceira série do Ensino Médio e puderam trazer a memória e a reflexão do tempo vivido em passado recente, 2020-2021.

Inicialmente, os interesses desta pesquisa estavam concentrados nas minhas próprias experiências em sala de aula, como professor, que diante dos imensos desafios do Ensino Remoto (2020-2021) sentiu a necessidade de investigar as relações de ensino e de aprendizagem e a presença das novas tecnologias em sala de aula, indispensáveis durante as aulas remotas, em razão da pandemia e do distanciamento social obrigatório no ambiente escolar. Entretanto, em diálogo com os/as jovens estudantes e desde as leituras realizadas durante o mestrado em Sociologia, o foco passou a ser os relatos desses/as jovens e suas inúmeras contribuições para a ampliação da compreensão de como a juventude foi afetada por esse período trágico da humanidade.

Algumas questões, que se tornam perguntas centrais para a condução da investigação, foram elaboradas acerca dos/as jovens estudantes do ensino médio no momento da pandemia da Covid-19, no Colégio Estadual Érico Veríssimo, localizado

---

<sup>1</sup> Faxinal é um município brasileiro localizado no estado do Paraná, na Mesorregião Norte Central, com distância aproximada de 100km de Londrina, foi fundado no ano de 1951, após emancipar-se do município de Apucarana-PR.

no município de Faxinal-PR. Dentre as muitas perguntas, destacamos algumas: como os jovens estudantes vivenciaram a pandemia? Como se sentiram durante o distanciamento social e confinamento em casa com o ensino remoto? Quais os principais sofrimentos nesse período? E agora, após a pandemia, como refez seus planos e sonhos de futuro? Como está a escola após a pandemia e como as plataformas digitais continuam nos processos de aprendizagem? Desse modo, o problema central desta dissertação girou em torno de conhecer as experiências da juventude das escolas públicas de Faxinal-PR durante a pandemia de covid-19.

Trouxemos como argumentos iniciais para elaboração da pesquisa a quebra em todo o processo de cursarem os anos finais do Ensino Fundamental e os primeiros anos do Ensino Médio, levando esses jovens ao sofrimento por terem que vivenciar o isolamento social, falta de condições de estudo, de trabalho dos familiares e da própria escola, considerando que esses dois anos de vivências de mortes, perdas nas famílias, falta do ambiente escolar afetaram as percepções de presente e de futuro quanto à vida, ao trabalho e à escolarização.

As pesquisas sociológicas sobre as juventudes e suas relações com a escola antes da pandemia (DAYRELL, 2007; GROppo, 2000, 2017) e as pesquisas mais recentes durante e após a pandemia indicaram como as desigualdades sociais-educacionais se reproduziram e se aprofundaram durante e pós a pandemia. Os dados indicam evasão, não aprendizagem, falta de perspectiva de continuidade dos estudos, de inserção no mercado de trabalho, entre outros aspectos dos ciclos de vida das pessoas e dos/as jovens estudantes, em especial (ANGELO; COSTA, Rafael, 2022; CORROCHANO & OLIVEIRA, 2023).

Para realização da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico sobre o estado da arte a respeito do tema juventude e escola, sociologia da juventude e juventude e pandemia. Foi a partir desse levantamento que chegamos à metodologia empregada por Maria José de Rezende (2009) para a coleta de dados apresentada a partir do quarto capítulo desta dissertação, que pesquisou sobre a percepção da escola e das desigualdades sociais dos estudantes de um Colégio Estadual de Ortigueira, no Paraná, em 2008. Rezende distribuiu cadernos com um trecho provocativo sobre as desigualdades sociais, educacionais, econômicas e analisa as respostas. Consideramos pertinente a metodologia empregada ser replicada em nosso contexto, pois as escolas onde atuamos também estão localizadas em municípios de pequeno porte, em que a escola ganha centralidade na vida das

crianças e jovens, que garantem parte de sua socialização e experiências culturais dentro das escolas. Assim, as questões foram diante dos interesses já relacionados acima. Obtivemos quarenta e cinco (45) respostas de estudantes que escreveram as redações nas turmas do ensino médio, 2ª e 3º ano, em dois turnos distintos, matutino e noturno. Propomos a seguinte uma questão para investigação junto aos estudantes:

*“Imaginando que você fosse realizar um documentário sobre como você viveu a pandemia em sua casa, no trabalho e na escola, escreva ou relate: Quais seriam os principais sofrimentos que você relataria sobre esse período? Quais seriam os principais conflitos que você viveu? Quais seriam os pontos positivos sobre a pandemia, se eles existirem? Como você sentiu as mudanças no colégio? E no estudo a distância? Como está sendo viver a mudança do novo ensino médio? Aproveite e conte um pouco sobre o que tem estudado esse ano. O que você pensa e como avalia as plataformas online na educação? Estudos dirigidos, aulas gravadas? Como você considera que essas mudanças afetarão a formação para o trabalho? Que tipo de trabalho você deseja um dia encontrar? Em que série ou ano do colégio você estava no período da pandemia de Covid-19?” (Apêndice)*

Considerando esses aspectos, lembramos ainda das contribuições de Bernard Lahire (1997) ao abordar como fatores sociais e culturais influenciam o desempenho acadêmico de crianças de famílias com menores rendas, argumentando que o sucesso escolar não depende apenas da capacidade individual do aluno, mas também de uma série de fatores externos, como o ambiente familiar, a comunidade em que a criança vive e as expectativas sociais em relação à educação.

Assim, neste trabalho, a discussão teórica se inicia na segunda seção, em que apresentamos um olhar da sociologia clássica sobre *as juventudes* para instruir e delimitar o referencial teórico do objeto e da construção do objeto de estudo. Nessa seção, discutimos a construção da categoria *juventude*, que tem um histórico moderno-contemporâneo, além de abordar elementos sobre a sociologia da juventude, importante campo de estudos no Brasil e no mundo.

Na terceira seção, trouxemos um recorte bibliográfico sobre o *jovem estudante* e o *jovem na escola*, de forma a inserir as questões pertinentes sobre os conflitos que a juventude, especialmente da classe trabalhadora, enfrenta com relação às decisões sobre o futuro e o ingresso no mundo do trabalho. Também abordamos nessa seção a relação entre a juventude, a escola e a pandemia,

inclusive sob o viés interseccional, que traz discussões como evasão escolar e ausência de qualificação profissional para entrada no mercado de trabalho.

Na quarta seção apresentamos nosso objeto de análise específico, ou seja, dados sobre o contexto educacional do município de Faxinal-PR e os depoimentos das redações dos/as jovens estudantes que vivenciaram o Ensino Remoto durante a pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com a visibilidade e compreensão das experiências vividas pelas juventudes durante a pandemia da Covid-19 e seus possíveis efeitos ainda persistentes e incidentes sobre os dramas, sofrimentos e desafios para essa geração na pós-pandemia.

## **2. SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE: UM OLHAR CLÁSSICO ÀS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS**

O reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrarias. É o paradoxo de Pareto dizendo que não se sabe em que idade começa a velhice, como não se sabe onde começa a riqueza. De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades (Bourdieu, 1984, p. 151).

Esta dissertação tem como objetivo analisar as juventudes das escolas públicas do município brasileiro de Faxinal, que fica localizado no estado do Paraná. O problema da pesquisa é a situação socioeconômica e os desdobramentos específicos que atingiram esse público durante a pandemia de coronavírus de 2020 a 2023.

Tendo esse recorte em vista, por se tratar de uma parcela geracional representativa da população<sup>2</sup>, diferentes perfis de juventudes ao redor do mundo vivenciaram e foram impactados pela experiência sanitária instalada pela pandemia da doença Covid-19, identificada ainda em 2019, na província de Wuhan, China. Como destaca a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), foi “a sexta vez na história que uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)

---

<sup>2</sup> “Brasil não é mais um país de jovens: fatia da população com menos de 30 anos cai a menos da metade”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/06/brasil-nao-e-mais-um-pais-de-jovens-fatia-da-populacao-com-menos-de-30-anos-cai-a-menos-da-metade.ghtml>. Acesso em 17 de junho de 2023.

é declarada”<sup>3</sup>. Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que o novo surto de coronavírus caracterizava uma pandemia.

Diante das proporções inéditas causadas pela pandemia à sociedade capitalista, situações que afetam diretamente os jovens em idade escolar foram amplamente debatidas, tais como: o funcionamento das escolas, que tiveram as aulas presenciais suspensas durante um longo período devido ao rígido protocolo de distanciamento social como forma de prevenção do contágio, a gestão escolar e a criação de um plano emergencial de aulas. Sem mencionar o ensino remoto, processo de ensino e aprendizagem, e a infraestrutura de conectividade e equipamentos de acesso às aulas.

Para além do contexto exposto, que envolve a instituição escolar, a juventude também estava inserida em outras dinâmicas e instituições igualmente afetadas pela pandemia, tais como o aumento das desigualdades socioeconômicas a nível nacional e internacional<sup>4</sup>, a fome, a entrada no mercado trabalho, muitas vezes de forma informal, a família, a religião, as relações de gênero, as questões relacionadas à saúde e sexualidade, as relações étnico-raciais, a violência, sem se esquecer da dor e do luto, em razão da perda de entes queridos ocorridas no período. Para aprofundarmos a compreensão das múltiplas intersecções que permeiam a experiência dos jovens, é fundamental voltarmos nossa atenção a alguns temas clássicos da sociologia da juventude. Essa abordagem teórica bem fundamentada é essencial para embasar o debate proposto nesta dissertação.

Ao lembrarmos a contribuição de um dos pioneiros da Sociologia, Émile Durkheim, percebemos que a juventude tem sido tema de discussões nas ciências sociais há várias décadas. No entanto, foi somente a partir da década de 1960 que essa área de estudo começou a se firmar com pesquisas mais aprofundadas e estudos abrangentes. Segundo Weisheimer (2015, p.2), "no Brasil, foi na década de 1960 que o tema da juventude passou a despertar interesse entre os cientistas sociais". É importante ressaltar que esse campo de pesquisa busca compreender a juventude não apenas como uma categoria demográfica, mas também como um

---

<sup>3</sup> “Histórico da pandemia de Covid-19”. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 17 de junho de 2023.

<sup>4</sup> “Covid-19 aumentou a pobreza, a fome e as desigualdades. ‘Catástrofe geracional’, afirma a ONU”. <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/covid-19-aumentou-a-pobreza-a-fome-e-as-desigualdades-catastrofe-geracional-afirma-a-onu/>. Acesso em 17 de junho de 2023.

fenômeno social, investigando suas características, experiências e interações com a sociedade em diferentes contextos históricos e culturais.

Dessa forma, o estudo da sociologia da juventude abarca uma ampla gama de tópicos, como os movimentos juvenis que emergiram ao longo da história, os diferentes estilos de vida adotados pelos jovens e as diversas formas de expressão cultural que caracterizam essa fase da vida. Essas dimensões são essenciais para uma compreensão mais abrangente e contextualizada da juventude e de como ela se relaciona com a sociedade.

Além disso, ao aprofundarmos a análise da juventude como fenômeno social, torna-se relevante considerar as interseções que atravessam essa fase da vida. Os jovens estão sujeitos a uma multiplicidade de influências e determinantes, como classe social, gênero, etnia, sexualidade e contexto geográfico, que moldam suas experiências e trajetórias de maneiras complexas. Compreender essas interseções é fundamental para evitar generalizações simplistas e captar a diversidade de vivências e desafios enfrentados pelos jovens.

Portanto, ao abordarmos a sociologia da juventude, devemos explorar não apenas os aspectos individuais e subjetivos dessa fase da vida, mas também considerar as relações sociais, as estruturas de poder e as dinâmicas culturais que moldam a experiência juvenil. Somente por meio de uma análise abrangente e enriquecida desses elementos é possível alcançar uma compreensão mais profunda e informada sobre a juventude e suas interações com a sociedade em diferentes contextos históricos e culturais.

Ademais, é passível mencionar que os estudos ligados à teoria da juventude são anteriores ao período supracitado. Por isso, destacamos duas obras a respeito da teoria da juventude - com viés da criminologia - com influência no debate para apresentá-las brevemente. No livro "Delinquent Boys" (1955) Albert Cohen desenvolveu a teoria da reação cultural, onde explora como os jovens que enfrentam algumas barreiras para alcançar metas socialmente valorizadas podem se envolver em comportamentos desviantes como forma de buscar reconhecimento e status nas chamadas subculturas juvenis. Já em "Outsiders" (1963), Howard Becker discute a construção social da identidade de jovens marginalizados, explorando o papel dos rótulos e estigmas sociais na formação de identidades desviantes. Ambos os autores bebem nas águas conceituais da Escola de Chicago. Groppo (2017) aponta que:

Relevantes pesquisas sobre jovens e grupos juvenis aconteceram no interior de uma importante tradição sociológica norte-americana, que iria ser injustamente ignorada por Talcott Parsons quando elaborou sua teoria estrutural-funcionalista. Esta tradição encontrou acolhida na Universidade de Chicago, especialmente na primeira metade do século XX, oriunda de filósofos e pesquisadores que criaram o pragmatismo desde o final do século anterior: Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey (Groppo, 2017, p.32).

Groppo (2017) auxilia nosso estudo ao fazer uma avaliação da produção sociológica sobre a juventude ao longo do século XX, revelando dois tipos de problemas recorrentes. Primeiro, diz que há pesquisas que reconhecem a importância da categoria "juventude", mas possuem fragilidade teórica, focando principalmente no aspecto empírico e nos relatos de campo, sem oferecer interpretações mais aprofundadas das experiências vividas pelos jovens (Groppo, 2017, p.11). Por outro lado, vertentes teóricas mais elaboradas, como o estruturalismo e certas versões do marxismo, tendem a negar a relevância sociológica da categoria "juventude" (Groppo, 2017, p.11). O segundo desafio está relacionado ao fato de que as ciências sociais da juventude frequentemente são influenciadas por demandas externas à própria ciência, especialmente quando se tornam instrumentos a serviço do Estado (Groppo, 2017, p. 11).

Este capítulo apresenta ao longo de seu percurso construído em subtítulos autores/as referências na discussão sobre o tema no campo da sociologia da juventude, como Bourdieu (1984), Groppo (2010, 2016a, 2016b), Pais (1990) e Foracchi (1972, 1982), além, é claro, de outros autores e autoras que serão trazido ao texto. Por se tratar de uma discussão extensa em termos de debate teórico, tentaremos trazer à tona os principais pontos do debate a respeito da juventude. Será a partir dessa conceitualização inicial que a juventude será discutida nesta dissertação, de modo a versar sobre a classificação da própria categoria, sua concepção sociológica, as formas de análise, questões relativas à geração, dentre outros assuntos.

## **2.1. Juventude e a construção da categoria**

As classificações por idade (mas também por sexo ou, evidentemente, por classe...) equivalem sempre a impor limites e a produzir uma *ordem* à qual cada um deve ater, na qual cada um deve manter-se no seu lugar (Bourdieu, 1984, p.152).

Iniciamos o debate com Pierre Bourdieu (1984). Bourdieu chama a atenção para as classificações sociais que ele considera "manipuláveis" e destaca o papel fundamental da luta entre jovens e velhos na construção social das categorias de juventude e velhice. Segundo Bourdieu, a juventude e a velhice não são categorias pré definidas e objetivas, mas sim construções sociais que emergem do confronto entre diferentes grupos etários (Bourdieu, 1984, p. 52). Nesse sentido, a idade biológica não é o único fator determinante para definir o que é ser jovem ou velho. Argumenta que essas classificações estão intrinsecamente ligadas a relações de poder e interesses conflitantes entre as gerações.

Ao analisar as diferenças entre grupos sociais distintos, utiliza o exemplo dos "adolescentes burgueses" e dos "jovens operários", demonstrando que esses grupos compartilham a mesma faixa etária, mas suas experiências e oportunidades são diferentes devido ao acesso desigual ao capital cultural e econômico. Cabe dizer que ao longo de toda sua obra o autor se dedica a explicar a importância do conceito de capital cultural, que se refere ao conjunto de conhecimentos, habilidades e práticas adquiridas por meio da educação formal e da socialização cultural.

O autor destaca também a existência de "leis específicas de envelhecimento" que moldam as experiências e perspectivas das diferentes gerações. Essas leis são influenciadas por fatores sociais, econômicos e políticos, e contribuem para a formação de identidades geracionais e para os conflitos entre os jovens e os mais velhos. É importante ressaltar que o debate sobre as gerações e as suas dinâmicas não se limita apenas a Bourdieu. Outros estudiosos, como Foracchi (1965) e Mannheim (1976), também trouxeram contribuições significativas para essa área de estudo. Suas análises abordam as formas pelas quais as gerações se relacionam com as transformações sociais, os conflitos intergeracionais e a construção de identidades geracionais.

Ao considerar o conjunto teórico e os esforços empreendidos por Bourdieu em sua vasta obra, percebemos a importância de analisar as classificações sociais, as lutas de poder entre jovens e velhos, o papel do capital cultural e as especificidades das gerações. Esses elementos são fundamentais para compreender a construção social da juventude e suas interações com outras dimensões sociais.

[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de

interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (Bourdieu, 1998, p. 28).

Nada há aqui que não seja muito banal, mas que faz ver que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o facto de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação. Seria necessário pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para falarmos depressa, entre as *duas* juventudes. Por exemplo, poderíamos comparar sistematicamente as condições de existência, o mercado de trabalho, o orçamento tempo, etc., dos “jovens” que se encontram já a trabalhar, e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as imposições, que só a solidariedade familiar pode atenuar um pouco, do universo económico real, do outro, as facilidades de uma economia quase lúdica de assistidos, assente no subsídio, com refeições e alojamentos baratos, títulos de acesso a preços reduzidos ao teatro e ao cinema, etc (Bourdieu, 1984, p. 153).

A primeira pergunta que ecoa de pronto após a leitura do trecho destacado acima é a seguinte: quando falamos de juventude, ou juventudes, vistas no plural, de quem estamos falando? Falamos de idade biológica ou de manipulações e convenções sociais com limites geracionais estabelecidos? O que se apresenta, ao menos do que compreendemos da leitura de Bourdieu, é que nos referimos à juventude como construção social, classificada pelos impasses existentes entre as gerações.

De modo a ampliar o debate proposto pelo autor, partiremos a outro exemplo, passível de observação em veículos midiáticos, especialmente nos jornais e nos programas de TVs que abordam sobre a violência. Sob o viés analítico da interseccionalidade, que considera classe, raça e gênero, conforme salienta a socióloga estadunidense Patrícia Hill Collins (2021), enfatizamos algumas leituras feitas a respeito de jovens negros do sexo masculino e comparámo-nas à leituras realizadas sobre os também jovens do sexo masculino, porém, brancos. Há, de um lado, o grupo classificado como “ladrão”, “bandido”, “homens adultos”; do outro, os que “estão aprendendo”, “imaturos”, “meninos”.

De acordo com a análise interseccional proposta por Collins, é fundamental considerar as categorias de classe, raça e gênero ao examinar as representações da juventude. No contexto midiático, observamos diferenças nas leituras feitas sobre jovens negros em comparação com jovens brancos. Enquanto os primeiros são

frequentemente estigmatizados de forma negativa, os últimos são descritos como "estão aprendendo", "imaturos" ou "meninos".

Essas categorizações revelam os estereótipos e preconceitos presentes na sociedade, ressaltando a forma como a juventude é construída socialmente. A interseccionalidade nos permite compreender como a combinação de classe, raça e gênero influencia a percepção e a representação dos jovens, destacando as desigualdades e os sistemas de opressão, como posto por Araújo (2015).

Percebe-se que em meio à sensação de insegurança e medo que toma conta da população brasileira, os meios de comunicação, em sua maioria, costumam dispensar tratamento diferenciado as situações de violência que atingem os grupos afortunados (as elites) em comparação aos grupos menos favorecidos (a população pobre, em particular a população negra, mais especificamente a juventude negra). No que diz respeito à população negra, esta, quase sempre, tem os direitos humanos e de cidadania desrespeitados pelos meios de comunicação, principalmente pelos canais de TV aberta (Araújo, 2015, p. 471).

Considerando a complexa e intrincada história escravista, patriarcal colonial e racista do Brasil, que deixou profundas marcas socioeconômicas na população negra até os dias de hoje, as quais foram mencionadas anteriormente, fica evidente a relevância desses elementos para a compreensão das manipulações geracionais apontadas por Bourdieu. Essas manipulações revelam o processo de construção social que envolve a juventude e como ela é inserida na sociedade, inclusive com nuances distintas em relação à raça.

O autor aborda de forma incisiva o funcionamento intrincado do sistema escolar, levantando questionamentos sobre a engrenagem que favorece aqueles indivíduos que possuem certos recursos, principalmente os de natureza financeira, abrindo-lhes caminhos que lhes garantem o privilégio de desfrutar e vivenciar plenamente a fase da adolescência. É nesse contexto que se destacam as vantagens concedidas aos jovens privilegiados, que podem se dedicar exclusivamente aos estudos, adquirir fluência em um segundo idioma e participar de atividades culturais, como ir ao cinema.

No entanto, Bourdieu ressalta que uma parcela considerável de jovens não possuem condições de desfrutar dessas oportunidades. Estes se veem compelidos a encontrar meios de adentrar prematuramente no chamado "mundo adulto", equilibrando-se precariamente entre a juventude e a idade adulta, a fim de assegurar recursos econômicos e culturais não apenas para si mesmos, mas também para suas famílias. Essa realidade é muitas vezes imposta aos jovens da classe

trabalhadora, que enfrentam obstáculos adicionais em sua busca por uma transição justa e equitativa para o mundo do trabalho.

A análise de Bourdieu lança uma luz reveladora sobre o acalorado debate que envolve a entrada dos jovens provenientes das camadas menos favorecidas no mercado de trabalho. Suas teorias fornecem uma compreensão crítica das desigualdades estruturais e das barreiras sociais que permeiam esse processo de transição. Ao examinar as dinâmicas de poder, privilégio e acesso a recursos, Bourdieu instiga a uma reflexão sobre os desafios enfrentados por aqueles que lutam para conquistar um lugar nesse mundo adulto competitivo e muitas vezes hostil.

A desigualdade de oportunidades educacionais e a falta de recursos financeiros são apenas alguns dos fatores que perpetuam essa situação. Além disso, a exclusão cultural também desempenha um papel significativo, já que muitos jovens não têm acesso a experiências consideradas enriquecedoras, como visitas a museus, participação em eventos artísticos ou viagens educacionais. Essas vivências culturais não só fornecem um contexto mais amplo de aprendizado, mas também contribuem para a formação de identidades individuais e coletivas.

Portanto, ao ler "A juventude é apenas uma palavra" de Pierre Bourdieu, somos levados a olhar para nosso objeto de estudo com certo estranhamento e desnaturalização, ambos necessários para compreender a categoria e conduzir a pesquisa em questão. Quais são as juventudes presentes nas escolas públicas de Faxinal-PR e como elas podem ter sido afetadas pela pandemia? Sabemos que se trata de um grupo populacional específico, localizado geograficamente em um município no interior do estado do Paraná, composto por estudantes provenientes da educação pública.

Surgem então algumas perguntas: esses jovens possuem os privilégios que Bourdieu associa à classe burguesa? Ou seja, têm a possibilidade de se dedicar exclusivamente aos estudos e acesso ao campo cultural? Ou será que precisam dividir seu tempo entre os estudos, o trabalho remunerado, as responsabilidades domésticas e o cuidado com seus familiares? Essas questões nos remetem à hipótese de que a juventude também precisa ser compreendida a partir de inúmeras nuances instigantes à pesquisa sociológica. Por fim, Bourdieu demonstra que a juventude é moldada por fatores sociais e econômicos, e que as desigualdades

estruturais desempenham um papel fundamental na formação das oportunidades e trajetórias dos jovens.

## **2.2. Juventude enquanto categoria sociológica**

Seguindo as questões apresentadas por Bourdieu (1984) anteriormente, compreendemos a necessidade de estabelecer uma abordagem mais detalhada sobre a "construção sociológica da juventude". Nesse sentido, a obra de Pais (1990) se torna relevante, uma vez que enfatiza a necessidade de romper com as representações comuns atribuídas à juventude e desenvolver uma compreensão mais sólida sobre esse grupo social em particular. Ao abordar esse tema, o autor ressalta que a juventude é frequentemente tratada como uma categoria manipulável, desprovida de capacidade de pensar por si só, além de ser considerada homogênea. No entanto, essa visão ignora as diferenças significativas existentes entre os jovens, tais como classe social, situação econômica, poder, interesses e oportunidades diversas. Segundo Pais (1990), quando essa abordagem sistemática de ignorar as diferenças prevalece, algo crucial acaba sendo negligenciado: a compreensão de que é no decorrer das interações cotidianas que os jovens constroem formas sociais de compreensão (Pais, 1990, p. 164).

A compreensão da juventude e os problemas sociais que surgem devido à falta de solidez nessa compreensão têm sido um tema recorrente ao longo dos anos. A sociedade muitas vezes tende a rotular os jovens como irresponsáveis ou desinteressados, sem considerar as complexidades e desafios que eles enfrentam. Essa falta de compreensão pode levar a uma marginalização dos jovens, dificultando sua integração na sociedade e limitando seu potencial de contribuição.

Um dos principais desafios enfrentados pelos jovens é a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho. Se nos pautamos pelos escritos de Pais (1990), como estamos fazendo, a questão que envolve a dificuldade de inserção no mercado de trabalho foi abordada em seus escritos no final do século passado, mas é preocupante constatar que, mesmo após mais de trinta anos, em 2023, o contexto ainda se assemelha. Evidente que a crise de empregos afeta não apenas os jovens, mas também outras faixas etárias, evidenciando uma problemática

estrutural e sistêmica, e para que se discuta essa questão, é necessário uma análise mais profunda das causas subjacentes.

Mudanças no mercado de trabalho, como a automatização de processos e a globalização, têm levado à escassez de oportunidades para os jovens. Além disso, a falta de experiência prévia e as exigências cada vez mais altas por qualificações específicas tornam a competição por empregos ainda mais acirrada. Essa situação leva muitos jovens a enfrentarem longos períodos de desemprego ou subemprego, o que afeta negativamente sua autoestima, independência financeira e perspectivas futuras.

Pais ainda ressalta que as dificuldades de acesso ao emprego também se refletem nos obstáculos enfrentados pelos jovens no acesso à moradia. Com a falta de estabilidade financeira e a necessidade de acumular recursos para garantir um lar, muitos jovens são forçados a permanecerem morando com seus pais ou a buscar alternativas de moradia mais precárias. Isso cria um ciclo vicioso, uma vez que a falta de independência residencial pode impactar negativamente a autonomia e o desenvolvimento pessoal dos jovens.

Essas questões exigem uma abordagem dimensional extensa e a adoção de políticas públicas adequadas. É necessário investir em programas de capacitação e qualificação profissional para os jovens, de modo a prepará-los melhor para o mercado de trabalho em constante modificação.

Apesar dos constantes apontamentos de que os jovens enfrentarem problemas como a inserção profissional no mercado de trabalho ou questões relacionadas ao uso de substâncias ilícitas, delinquência e conflitos com a escola e os pais, Pais (1990) argumenta que é necessário questionar se esses problemas são realmente vivenciados pelos jovens ou se são, de certa forma, resultado da construção social de uma imagem homogênea que é reproduzida. O sociólogo destaca que os meios de comunicação desempenham um papel significativo na definição da cultura juvenil, influenciando a forma como ela é percebida e conceituada, o que dialoga com o exemplo mencionado anteriormente sobre a retratação dos jovens negros e brancos na mídia.

O autor menciona que as condutas dos jovens são heterogêneas, mas muitas vezes são moldadas pelas visões predominantes na sociedade. Além disso, ele ressalta que alguns estudos sociológicos são baseados em observações indiretas e refletem os estereótipos difundidos pela cultura juvenil veiculada pelos meios de

comunicação, ou seja, que a representação social da juventude é considerada um mito, alimentado e construído coletivamente, e cabe à sociologia o desafio de desconstruir essa concepção e compreender as transformações que afetam a juventude ao longo do tempo.

Dessa forma, é fundamental ampliar a compreensão da construção sociológica da juventude, superando a visão simplista e homogeneizante que muitas vezes é atribuída a esse grupo social. Pais (1990) destaca a importância de considerar as diferenças entre os jovens, como suas condições socioeconômicas, de poder, de interesses e de oportunidades, que influenciam suas experiências e trajetórias. Além disso, a cultura juvenil não pode ser reduzida a estereótipos preconceitos e generalizações, mas sim compreendida como um fenômeno complexo e multifacetado, construído nas interações sociais e influenciado pelos meios de comunicação.

Sendo assim, como poder falar da juventude como um fenômeno sociologicamente homogêneo? O interessante será justamente dar conta das possíveis diferentes discontinuidades e rupturas que marcam a transição dos jovens — ou, melhor, de determinados grupos sociais de jovens — para a vida adulta. Para dessas possíveis discontinuidades e rupturas dar conta torna-se, no entanto, necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como unidade para o campo semântico que a toma como diversidade. Como veremos, as principais correntes da sociologia da juventude radicam os seus mais essenciais pressupostos nestes dois campos semânticos (Pais, 1990, p. 151).

O tensionamento da categoria sociológica da juventude é uma peça chave para que se compreenda os modelos utilizados para analisá-la de forma mais abrangente. No contexto brasileiro, como já mencionado, as Ciências Sociais começaram a dedicar-se aos estudos da juventude a partir da década de 1960, e os trabalhos pioneiros de Foracchi (1965) foram de extrema relevância nessa abordagem. Marialice Mencarini Foracchi foi uma socióloga brasileira, nascida em 1935. É uma importante teórica e contribuiu para o desenvolvimento do campo, especialmente nos estudos sobre desigualdade social, educação e teoria sociológica.

Em suas obras, a socióloga aprofunda discussões sobre a situação e o papel da juventude, bem como na exploração do conceito de geração e a coexistência entre elas. Além disso, Foracchi analisou os processos de transição para a vida

adulta e a complexa relação entre juventude e sociedade. A autora dizia que a distância existente entre as diferentes gerações é um indício de uma condição menos óbvia, revelando um elemento fundamental: a contestação dos jovens em relação às "certezas" provenientes das experiências dos mais velhos, refletindo uma rejeição à condição adulta imposta.

a distancia entre gerações que se manifesta socialmente sob a forma de rebelião ou de conflito é, sem dúvida, marcada por um ato de contestação que é puramente sintomático. O fato fundamental, nele subjacente, que imprime marca definitiva ao processo, é a rejeição da condição adulta, tal como a sociedade impõe (Foracchi, 1972, p. 27).

A dinâmica implica que a relação entre as gerações é caracterizada por conflitos e tensões, uma vez que os jovens questionam as tradições e valores estabelecidos pelos mais velhos, buscando estabelecer sua própria identidade. Foracchi explorava constantemente a ideia de que a juventude é uma categoria social que se define em relação à idade e à posição na estrutura social. Dessa forma, torna-se fundamental compreender a dinâmica das relações intergeracionais e os desafios enfrentados pelos jovens ao estabelecer sua própria identidade em um mundo em constante transformação. Os estudos e reflexões da autora têm sido amplamente reconhecidos e influenciaram inúmeros trabalhos sobre a sociologia da juventude, contribuindo de forma significativa para as discussões contemporâneas sobre o tema.

A obra de Foracchi permanece como um marco na compreensão das dinâmicas sociais envolvendo a juventude, fornecendo um arcabouço teórico sólido para a análise das questões que permeiam essa fase da vida. Seus trabalhos são fundamentais para a compreensão da complexidade e diversidade das experiências juvenis, abrindo caminhos para novas pesquisas e aprofundamento nas relações entre os jovens e a sociedade em que estão inseridos. A relevância contínua das considerações de Foracchi evidencia-se na incorporação de seus conceitos e perspectivas em inúmeras abordagens e estudos atuais sobre a juventude.

### **2.3 Sociologia da Juventude e Modelos Sociológicos**

Partiremos de algumas observações de Groppo, presentes em diferentes trabalhos, para tratarmos de assuntos sobre o tema em questão.

A principal teoria tradicional da juventude é informada pelo estrutural-funcionalismo de Parsons, tendo os EUA como seu grande lócus de investigação. Esta vertente sociológica, que teve seu auge em meados do século passado, toma as estruturas sociais como um simples dado, não as contestando, nem imaginando transformações significativas no âmago da sociedade moderna (Groppo, p. 10, 2017).

Tratando da juventude e dos modelos sociológicos utilizados para analisar a categoria ao longo de alguns anos, Groppo (2010) caracteriza os dois principais pontos:

Classicamente, foram dois os principais modelos sociológicos de análise da juventude e da rebeldia juvenil, que parecem caracterizar os modos «modernistas» de conceber a condição juvenil. O primeiro, o funcionalista, assentava-se no paradigma da integração social e em categorias explicativas como função e disfunção social. Neste, as rebeldias juvenis eram (e são) tidas como «disfunções», sendo a rebeldia mais característica a «delinqüência». O segundo, o modelo da moratória social, assentava-se em paradigmas reformistas e desenvolvimentistas de transformação social, com forte tendência de considerar as rebeldias juvenis como um impulso à transformação social e tomando como rebeldia mais marcante o «radicalismo» (Groppo, 2010, p. 13).

Na análise da juventude e da rebeldia juvenil, podemos identificar a existência de diferentes modelos sociológicos, cujas perspectivas têm evoluído ao longo do tempo. Groppo (2010) destaca dois modelos principais: os modelos funcionalistas, que enxergam a rebeldia juvenil como uma disfunção social, e o modelo da moratória social, que compreende as rebeliões juvenis como um impulso para a transformação social.

À medida em que se traz à tona as interpretações sócio-históricas mais recentes, como proposto por Groppo (2010), uma série de questionamentos surgem em relação aos modelos previamente descritos. Nesse contexto, o autor se dedica a explorar ideias relacionadas a essas interpretações contemporâneas, destacando a influência das concepções pós-modernas nesse processo. Um dos pontos discutidos por Groppo é o trabalho do geógrafo britânico David Harvey, que oferece uma análise aprofundada sobre o impacto do "embaralhamento" da infância e da maturidade devido à onipresença das mídias eletrônicas.

Ao abordar essa questão, Groppo revela como a presença constante e imersiva das mídias eletrônicas têm o poder de diluir as fronteiras tradicionais entre a infância e a vida adulta. Através de uma análise crítica, o autor aponta para o fato de que os limites antes claramente estabelecidos entre essas fases da vida estão se tornando cada vez mais turvos e ambíguos, impactando a forma como os jovens vivenciam e constroem suas identidades.

Além disso, Groppo explora o conceito de "juvenilização da vida" como um fenômeno que perdeu seu significado autêntico. Ele argumenta que a juventude, que costumava ser uma etapa específica e transitória da vida, agora é encarada como um estilo de vida que pode ser adotado e moldado por pessoas de diferentes faixas etárias. Esse fenômeno é apontado como um reflexo da influência da cultura de consumo e da busca incessante por uma eterna juventude, promovida pelo paradigma neoliberal.

Outro ponto abordado pelo autor é a "reprivatização do curso da vida", que é considerada um sintoma dessa mesma lógica neoliberal. Groppo explora como as narrativas individualizadas se tornaram predominantes na sociedade atual, enfatizando a responsabilidade individual na construção do próprio destino. Essa tendência afeta diretamente a forma como os jovens se relacionam com a sociedade e como constroem sua visão de futuro.

Ressalta que essas transformações nas categorias etárias, incluindo a juventude, vão além de meras classificações demográficas, tornando-se verdadeiros estilos de vida que moldam identidades culturais distintas. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda da importância da experiência na condição juvenil, ou seja, a forma como os jovens se relacionam e interpretam a realidade social que vivenciam. É através desse prisma que Groppo busca ampliar a discussão sobre o papel e a influência da juventude no contexto contemporâneo.

Contudo, ao mencionar as críticas aos modelos sociológicos apresentados anteriormente, torna-se evidente a existência de limitações metodológicas e a falta de uma abordagem histórica mais abrangente. Isso implica em uma lacuna no entendimento da complexidade da juventude e da rebeldia juvenil, como é enfatizado na passagem a seguir.

O capitalismo, em suas estruturas e processos, não é tomado como categoria que poderia explicar estes mecanismos de fragmentação e complexificação. Não se leva tão a sério, ao contrário do que poderia ser feito, que os novos desdobramentos do modo de vida e produção capitalista vêm, justamente ao aprofundar a lógica de acumulação e exploração, reforçar estas tendências de fragmentação e compressão do espaço-tempo social. Enfim, a realidade política, mais propriamente estatal, na relação com os jovens, é vista tão somente como «reativa». Dela se aponta tão somente sua face repressiva, reagindo rispidamente às tentativas das juventudes buscarem autonomia, diferenciação e identidade. A realidade sócioeconômica, tecnológica e política é vista de modo dual, no fim. Ao mesmo tempo em que é algo imponderável, da qual os seres humanos não podem participar de sua construção e destino, apenas se adequar para tentar sobreviver, ela é repressora, castradora, negativa e homogeneizadora. A verdadeira realidade humana parece viver, então, em

outros lugares, nos interstícios dos sistemas, onde e quando os indivíduos podem formar pequenas tribos e criar espontaneamente identidades diferenciais nas quais se sentem acolhidos (Groppo, 2010, p. 17-18).

Todavia, o que pensa Groppo sobre a juventude? A forma que o autor elabora a juventude é abrangente e considera tanto o sistema social quanto os indivíduos como elementos interconectados e dialéticos. Segundo Groppo (2010), essa abordagem reconhece a convergência entre a busca por estilos de vida alternativos e a esfera do consumo, especialmente no que se refere à produção cultural. O autor enfatiza a importância da autonomia e da criatividade dos jovens na configuração da chamada condição juvenil. Essa perspectiva, considerada uma alternativa aos modelos funcionalista e de moratória social, propõe uma visão mais equilibrada, que reconhece tanto a influência da sociedade quanto a agência dos jovens na formação da condição juvenil.

Em suas análises críticas, Groppo examina como os modelos sociológicos funcionalista e de moratória social abordaram as rebeliões e mobilizações juvenis ao longo do século XX. Essas abordagens tendiam a retratar a delinquência como uma característica determinante dos jovens e da condição juvenil. No entanto, Groppo (2016a) ressalta a importância de ir além dessas interpretações e considerar temas mais amplos.

A década de 1960 ficou conhecida mundialmente como um período de busca por liberdade e protagonismo juvenil. Movimentos estudantis e contracultura, como o emblemático Maio de 68 (1968) na França, despertaram interesse nas ciências sociais brasileiras em relação às questões da juventude (Groppo, 2016a). Essa época marcou um momento de abertura para a discussão sobre sexualidade, gênero e a autonomia dos jovens, influenciando a configuração da condição juvenil.

Essas questões são fundamentais às análises da condição juvenil, que vai além de estereótipos e generalizações. A abordagem de Groppo amplia o olhar sobre a juventude, considerando a diversidade de experiências, aspirações e desafios enfrentados pelos jovens em diferentes contextos sociais e culturais. Isso nos leva a refletir sobre a necessidade de políticas públicas e práticas sociais que valorizem e promovam a participação ativa e a inclusão dos jovens na sociedade.

Além disso, a visão de Groppo ressalta a importância de reconhecermos a agência e o potencial transformador dos jovens. Ao valorizar sua autonomia e criatividade, podemos criar espaços para a expressão de suas vozes e promover

oportunidades para que se tornem agentes de mudança em suas comunidades. Essa abordagem mais equilibrada e inclusiva nos ajuda a repensar estereótipos negativos associados à juventude, destacando seu papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A juventude é também uma constante preocupação das sociedades modernas e contemporâneas, uma permanente “questão pública”. Na verdade, existem fases em que a preocupação com a juventude é enfatizada, quando ela pode receber outros nomes e diversas adjetivações. Por exemplo, a partir do final do século XVIII e em todo o século XIX, diversos ciclos de preocupação com a “delinquência” e/ou promiscuidade juvenil das classes trabalhadoras se deram, conforme a industrialização e a urbanização iam se aprofundando e se estendendo pelos países da Europa, pelos Estados Unidos e, logo, para todo o mundo. Conforme os efeitos sociais negativos do capitalismo industrial iam avançando, logo se impunha a questão da “juventude” desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada, delinquente, formadora de bandos criminosos etc., em geral sem que ficasse claro para o discurso social e até para as ciências qual era a relação entre o avanço do capitalismo industrial, os problemas sociais daí decorrentes e a “questão da juventude” (Groppo, 2016a, p. 9).

O debate em torno da juventude e sua concepção sociológica tem sido alvo de diversas discussões teóricas. Em seu trabalho, Groppo (2010a) se posiciona de forma contrária à visão predominante, reconhecendo a autonomia e a criatividade como elementos essenciais da condição juvenil. A juventude não é um fenômeno natural, mas sim uma criação histórica e social, e Groppo destaca a necessidade de analisar essas mesmas juventudes de forma concreta em relação a outras categorias sociais, como classe social, gênero e religião.

Por refutar a tendência de “naturalizar” a juventude, Groppo (2010) ressalta a importância de compreendê-la como uma construção sociológica. Essa perspectiva desafia a visão de que a juventude é uma categoria imaginária ou ideológica, ou ainda uma característica inerente e universal. Assim, ao considerar a juventude como uma construção social, abre-se espaço para a análise das dinâmicas específicas que moldam as experiências juvenis em diferentes contextos.

No entanto, o autor traz a necessidade de reconhecer os jovens como sujeitos sociais capazes de ação e transformação na sociedade. Em suas reflexões sobre a juventude contemporânea, Groppo (2016b) observa uma mudança significativa nas políticas públicas e na sociologia da juventude. Enquanto anteriormente os jovens eram vistos exclusivamente como um problema social, demandando controle e intervenção, atualmente há uma crescente adoção do conceito de promover o jovem como sujeito social.

Essa nova abordagem busca evitar tratar os jovens de maneira similar a crianças e adolescentes, reconhecendo sua autonomia e protagonismo. A juventude é vista como ator social com potencial para contribuir ativamente na transformação das realidades em que está inserida. Isso implica em enxergar os jovens não apenas como receptores passivos de políticas e programas, mas como agentes de mudança.

Ainda segundo Groppo (2010b), essa perspectiva de promover o jovem como sujeito social tem sido difundida na sociologia da juventude, especialmente através das obras de teóricos como Alain Touraine. Touraine enfatizou a importância do sujeito social na construção da sociedade, trazendo uma visão que ressalta o poder de ação e a capacidade de transformação dos jovens. Essa abordagem traz uma nova forma de compreender a juventude, rompendo com estereótipos negativos e valorizando seu potencial positivo na sociedade.

É importante ressaltar que as discussões teóricas em torno da juventude não se limitam aos aspectos mencionados por Groppo. Há uma ampla gama de teorias e perspectivas que contribuem para a compreensão dessa fase da vida, incluindo abordagens que enfatizam a construção social das identidades juvenis, os processos de transição para a vida adulta, a relação entre juventude e políticas públicas, entre outros temas relevantes.

Na sociologia da juventude, estas teorias da segunda modernidade ou modernidade tardia inspiram autores europeus como François Dubet (1998), Alain Touraine (1998) e José Machado Pais (1993), e latino-americanos como Diana Krauskopff (2004), com desenvolvimentos interessantes no Brasil, com Helena Abramo (2005), Marília Spósito (2000), Juárez Dayrell (2002) e Paulo César Carrano (2011) entre outros (Groppo, 2016b, p. 387).

## **2.4. As perguntas**

Trazendo essas conceitualizações ao texto podemos olhar para a categoria juventude e problematizar questões a seu respeito, a fim de compreender melhor nosso objeto de estudo. Ou seja, quais os possíveis impactos das questões socioeconômicas e da pandemia às juventudes de Faxinal-PR? Como se comportou essa juventude com o ensino remoto? Como essa juventude vivenciou a pandemia de coronavírus? É o que buscamos responder a partir dos debates trazidos. A partir das perspectivas apresentadas compreendemos que os estudos sobre a juventude

têm trazido, desde os anos 1960, abordagens que variam de modelos fechados de análise à possibilidades de agência dos jovens.

### **3. O CONCEITO DE JOVEM ESTUDANTE E AS RELAÇÕES ENTRE JOVEM E ESCOLA**

Considerando a discussão realizada no capítulo anterior, sobre o conceito de juventude nos estudos da sociologia, onde trouxemos os principais debates ocorridos na área a partir de referências conceituais de autores/as, buscaremos a partir desse momento, desenvolver de maneira específica questões relativas à juventude em contexto escolar, ou seja, o conceito de juventude estudante, que abrange o jovem estudante e as relações estabelecidas entre esses jovens e a escola. Relembramos ainda:

A expressão relação juventude e escola refere-se aos múltiplos aspectos envolvidos na interação entre os jovens alunos e a instituição escolar, quase sempre circunscrita à educação básica. Denominar o sujeito da ação educativa como jovem implica no reconhecimento de que o aluno, ao chegar à escola, traz consigo uma diversidade sociocultural expressa na fase da vida na qual se encontra, com suas demandas e necessidades específicas, mas também na origem social e respectiva cultura, no gênero, no pertencimento étnico-racial e nas experiências sociais vividas, dentre outras variáveis, que interferem direta ou indiretamente nos modos como cada jovem vai lidar com a sua escolarização e construir sua trajetória escolar (Dayrell, 2010).

A juventude é uma “fase da vida” que provoca muitas mudanças e novas responsabilidades. Ser jovem suscita questões que vão desde as transformações físicas até o aumento das responsabilidades que devem assumir na vida adulta. O fato é que ser jovem não é fácil justamente por ser uma “fase de transição”. Se por um lado espera-se dos jovens a assunção de responsabilidades, por outro há uma crença que estes são as causas de muitos problemas sociais, como violência, gravidez precoce, hedonismo exacerbado, dentre outros. Assim, em uma mesma categoria encontramos esperança e desesperança nos quais os jovens são tanto a causa quanto a solução dos problemas que lhes são imputados pela sociedade mais ampla. Estariam os jovens “prontos” para enfrentar essa “dupla” visão que as sociedades lhes imputam? Ou a juventude seria uma “fase da vida” que acabaria assim que o jovem entrasse no “universo dos adultos”? (Oliveira, 2016, p. 2-3).

Nos valeremos de estudos sobre os diversos aspectos que envolvem a juventude e a escola, no intuito de compreender as múltiplas dimensões que atravessam esse grupo geracional. “Se o jovem é, como observamos, o agente ou o instrumento eficiente desse processo de transformação, isto acontece quando a sua própria condição de jovem é modificada, ou seja, quando ele se transforma em

estudante” (Foracchi, 1965, p. 123). Partindo da premissa trazida por Foracchi, a respeito da condição do jovem enquanto estudante, abordaremos pesquisas que trazem contribuições a esse debate.

A interseção entre a juventude e a instituição escolar é um campo de análise importante para tanto compreender a educação, quanto para se pensar a juventude. Conforme apontado por Bourdieu & Passeron (1982), a escola desempenha um papel crucial na reprodução das hierarquias sociais, influenciando a formação das identidades juvenis e suas trajetórias de vida. Nesse contexto, a escola atua como um palco onde as construções culturais e as normas sociais são transmitidas, moldando as percepções dos jovens sobre si mesmos e sua posição na sociedade, sendo possível compreender como os jovens se envolvem em processos de pertencimento e diferenciação, moldando suas identidades com base em fatores como classe social, gênero, raça, etnia, sexualidade.

No entanto, a sociologia da juventude também faz um alerta para os desafios enfrentados pelos jovens na escola. Conforme discutido por Willis (1991), em seu estudo clássico "Aprendendo a ser Trabalhador", os jovens muitas vezes desenvolvem estratégias de resistência e subversão às expectativas escolares, buscando preservar sua autonomia e identidade frente às pressões normativas. Portanto, traremos alguns trabalhos do sociólogo Juarez Dayrell para ilustrar os estudos sobre essa temática no Brasil.

Dayrell (2010) aborda a problematização da categoria “aluno” como uma construção histórica influenciada pelo contexto escolar e pela ordem social. Destaca que o processo de tornar-se aluno envolve a condição juvenil, as relações intergeracionais e as representações culturais, desafiando a visão de aluno como uma categoria homogênea e abstrata. Dessa forma, o autor aponta uma pesquisa sobre juventude e escola no Brasil contextualizada, mencionando seu surgimento nas ciências sociais na década de 60, com um crescimento significativo a partir dos anos 90, devido ao interesse público. Dayrell revela as três principais tendências em torno dos objetos pesquisados envolvendo a temática: a primeira foca na escola, currículos e relações professor-aluno; a segunda considera o aluno como sujeito influenciado pela origem social e cultura escolar; e a terceira valoriza as especificidades das escolas, atores e práticas, e enfatiza a diversidade da juventude (Dayrell, 2010). Esse panorama ressalta avanços teórico-metodológicos, mas, ao

mesmo tempo, aponta lacunas e indica a necessidade de pesquisas mais abrangentes sobre a complexa relação entre juventude e escola.

Já ao examinar as interações entre juventude e o ambiente escolar, Dayrell (2007) lança um olhar crítico sobre o papel que a escola desempenha na socialização dos jovens, especialmente aqueles provenientes das camadas populares. A partir da premissa de que as tensões e desafios presentes na relação atual entre juventude e escola são reflexos de mudanças profundas que ocorrem na sociedade ocidental, o autor explora como essas transformações moldam a formação das identidades individuais, reconfiguram conceitos de tempo e espaço, e exercem um impacto direto sobre as instituições e os processos de socialização das novas gerações. O autor explica que, até um período recente, as instituições de ensino médio no Brasil exibiam uma natureza notoriamente restritiva, sendo predominantemente frequentadas por indivíduos pertencentes às classes sociais mais elitizadas da sociedade, se alinhando à ideia de “herdeiros”, seguindo Bourdieu, situação que começa a apresentar mudança a partir da década de 1990, conforme os estudos de Sposito (2003). Este estrato social privilegiado manifestava uniformidade em suas habilidades, arcabouço de conhecimento e aspirações sobre o futuro. Entretanto, os rumos atuais no Brasil demonstram uma transformação significativa nesse panorama educacional, como consequência do processo de democratização das escolas públicas. Esse fenômeno, ainda segundo o autor, tem instigado uma complexidade renovada de desafios e tensões, especialmente no contexto da relação entre os jovens e o ambiente escolar.

Neste cenário, cabe mencionar que os estratos mais populares adquiriram acesso à educação marcando a mudança paradigmática no contexto educacional. Assim, esse panorama evidencia um processo de transformação que ocorre de forma múltipla, onde a homogeneidade anteriormente predominante dá lugar a convivência entre jovens que possuem diferentes origens sociais. Vale retomar um trecho onde exemplos sobre a juventude brasileira são destacados.

No Brasil, a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo. Mas isso não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar. As relações entre o trabalho e o estudo são variadas e complexas e não se esgotam na oposição entre os termos. Para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento

do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil (Dayrell, 2007, p. 1109).

Ao trazer luz a essas transformações, que modificou nas últimas décadas o cenário educacional brasileiro, o sociólogo faz com que identifiquemos que a sala de aula se transforma em um lugar onde emerge a interação entre a juventude e a condição de estudante. A essa constatação, soma-se ainda a observação de inúmeras alianças e conflitos, tanto entre os próprios estudantes, como entre estes e os educadores. Nesse contexto cotidiano, segundo o autor nos diz, o jovem que assume o papel de aluno se encontra numa encruzilhada entre a aderência às regras institucionais e o cumprimento das demandas trazidas pelos professores, as quais são pautadas por uma concepção de “bom aluno” (Dayrell, 2007). Simultaneamente, o jovem almeja expressar a sua “subjetividade juvenil” (Dayrell, 2007, p. 1121), utilizando de interações, posturas e valores que norteiam a dinâmica de seu grupo social. A tensão reflete a busca do jovem que busca se integrar ao sistema educacional, enquanto se esforça por afirmar sua singularidade e individualidade como sujeito ativo (Dayrell, 2007). Assim, sugere que, ao examinarmos mais profundamente a tensão existente, o que fica evidente é que o jovem estudante revela sua habilidade inata de explorar variadas estratégias para alcançar esse duplo propósito. Dentre as táticas criadas, Dayrell indica que as encontramos desde as interações interpessoais até as ações coletivas.

Embora as transformações sociais no contexto escolar tenham ocorrido, Dayrell sustenta que apesar de ter havido redução da desigualdade de acesso na escola, ainda persiste a presença de injustiças nesse ambiente. Esse fenômeno é amplamente atribuído à falta de reconhecimento por parte da instituição escolar e seus profissionais de que as barreiras que a separavam ruíram, e que os estudantes que ingressam trazem consigo uma diversidade de experiências sociais, que são singulares. Ainda para o autor, frente a esse novo cenário, infelizmente o que permanece é a abordagem dos jovens com critérios estabelecidos por uma cultura escolar enraizada em um contexto homogêneo e elitista. Devemos considerar que Dayrell (2003) assume e pensa os jovens como “sujeitos sociais”, sujeitos estes que possuem agência, até por isso aborda questões relativas à sua subjetividade.

Para efeitos desta análise, assumi a definição de Charlot (2000, p. 33 e 51), para quem o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que

ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere (Dayrell, 2003, p. 42-43).

Com isso, a pergunta presente no título de um artigo assinado por Dayrell, Melo e Souza (2012), “juventude e escola: uma relação possível” resume o problema que o autor apresentou anteriormente. Nele, apresentam uma pesquisa realizada em uma escola da rede estadual de ensino de Belo Horizonte com uma turma de ensino médio, considerada a pior turma da escola, onde analisam as complexas relações que se estabelecem entre os jovens e a escola, sobretudo nas relações entre professor e aluno. As análises das observações efetuadas na sala de aula exploraram aspectos fundamentais, como o espaço escolar, o ideal de aluno, a dinâmica de sociabilidade, o propósito da instituição escolar e a autoridade do professor. Assim, afirmam que reconhecer a importância de que os docentes e a própria escola aprofundem seu conhecimento e compreensão sobre os jovens que frequentam a instituição torna-se crucial no sentido de romper com estereótipos e representações negativas, problema já mencionado em outro momento deste texto.

Do ponto de vista dos estudos da sociologia, essa busca por uma compreensão mais completa das/os estudantes envolve a desconstrução de noções preconcebidas, como a “juventude problemática” ou o “aluno modelo”. Lembremos que a sociabilidade dentro do ambiente escolar também desempenha um papel fundamental no processo educativo. Cabe trazer ao texto que compreender as dinâmicas de interação entre os estudantes, bem como suas formas de pertencimento a grupos e comunidades, permite uma abordagem pedagógica mais alinhada com as necessidades e expectativas desse público, que é diversificado e heterogêneo.

Ao discorrer sobre as abordagens críticas aqui trazidas até o momento a respeito das mudanças no contexto escolar e a agência dos jovens, que são tomados nesta pesquisa como sujeitos sociais, bem como pelos autores/as aqui já mencionados, Sposito et.al (2020) fala sobre a participação dos estudantes no cenário brasileiro, onde destacam a relevância das batalhas sociais travadas no passado, juntamente com as diversas maneiras pelas quais os próprios estudantes se organizam. Esse aspecto traz à cena questões relativas a essa nova intersecção

que se acentua a partir do acesso à educação por parte desses jovens. Essa ênfase ganhou ainda mais proeminência após a promulgação da Constituição de 1988, em razão das mobilizações por acesso à direitos.

Um exemplo recente que ilustra a força da juventude engajada é o movimento de ocupações liderado por estudantes secundaristas, que teve lugar no ano de 2016<sup>5</sup>. Este notável acontecimento pode ser equiparado às batalhas travadas pela juventude após a Constituinte de 1988, como apontado por Sposito. Naquele ano específico, o cenário político brasileiro se desenhou de forma a promover a mobilização de estudantes de Ensino Médio, Institutos Federais e Universidades, que se uniram para ocupar escolas públicas em diversas regiões do país. O movimento estudantil, caracterizado por termos sugestivos como “primavera secundarista”, não apenas ecoou a determinação e resistência dos jovens diante de desafios significativos, como a Reforma do Ensino Médio, a PEC 55 e o controverso Programa Escola sem Partido, como também desencadeou um verdadeiro mar de transformações. A pesquisa de Ribeiro e Pulino (2019) sublinha esse ponto, destacando como as ocupações se tornaram um símbolo de luta e perseverança.

As primeiras ocupações ocorreram no Paraná<sup>6</sup>, mas logo se alastraram por inúmeros estados, em uma onda inspiradora que foi impulsionada, em parte, por protestos anteriores na cidade de São Paulo, que questionavam a reorganização escolar. A organização dos estudantes, amparada por ferramentas tecnológicas, refletiu uma abordagem moderna e adaptável. Além disso, as ações foram fortemente influenciadas por experiências semelhantes em outros países, evidenciando a universalidade das preocupações educacionais.

Este movimento de ocupações representou um momento marcante de resistência e envolvimento cidadão por parte dos estudantes secundaristas. Ele trouxe à tona questões de importância crucial relacionadas à educação e à participação ativa na sociedade brasileira.

Através dessa demonstração de determinação coletiva, os estudantes não apenas reivindicaram seus direitos, mas também inspiraram uma reflexão mais profunda sobre a natureza da educação e sua conexão intrínseca com o tecido

---

<sup>5</sup> “Mais de mil escolas do país estão ocupadas em protesto; entenda o movimento”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2024.

<sup>6</sup> “Secundaristas no Paraná ocupam 300 escolas e põem governador sob pressão”. Disponível em: [https://brasil.elepa.com/brasil/2016/10/13/politica/1476391382\\_358234.html](https://brasil.elepa.com/brasil/2016/10/13/politica/1476391382_358234.html). Acesso em: 25 de fevereiro de 2024.

social. Em um país onde a voz dos jovens frequentemente é subestimada, essas ocupações se destacam como um exemplo inspirador de empoderamento e mudança.

É dessa forma que Sposito et.al (2020) apontam que os jovens estudantes desempenham um papel central como atores sociais, moldando e definindo os significados históricos dentro de suas sociedades. Por isso a investigação sociológica sobre a dinâmica da participação estudantil objetiva compreender os modos pelos quais os jovens estudantes se mobilizam e articulam suas perspectivas no seio das estruturas institucionais e coletivas de gestão e decisão presentes nas instituições de educação, pensando as formas de organização e mobilização estudantil, bem como a capacidade desses atores de influenciar e redefinir políticas educacionais e diretrizes sociais.

### **3.1 Juventudes, Trabalho e Pandemia**

Como já apontado, com a transformação ocorrida especialmente a partir da década de 1990 no perfil de estudantes das escolas públicas, tornando-a mais plural quanto à presença de estudantes de diferentes origens e classes sociais, questões que envolvem a juventude, a escola e a entrada no mundo do trabalho se entrelaçam. Frente a isso, é perceptível que as pesquisas nacionais têm trazido a centralidade do trabalho enquanto uma temática de extrema mobilização entre os estratos juvenis. Andrade (2008) argumenta que o trabalho é indicado pela juventude como um direito cidadão, ostentando não somente um estatuto legal, mas também uma parte essencial nessa transição para a vida adulta. Nesse contexto, indica que as juventudes compartilham inquietações e angústias acerca das expectativas que se referem ao mundo do trabalho e suas perspectivas futuras (Andrade, 2008, p. 31).

Segundo a autora, o que emerge com certa clareza é a ocorrência de um ambiente societário onde miríades de desafios, caracterizados pelas elevadas taxas de desemprego e pela presença constante da precarização, aumentando a instabilidade trabalhista, deixam os jovens aflitos. As metamorfoses econômicas que se referem ao mundo do trabalho, ao infiltrar-se no tecido social, propiciam o terreno capaz de provocar inseguranças e apreensões, criando um lugar ambíguo no qual os horizontes profissionais parecem constantemente ameaçados pela intempérie do

desamparo e da vulnerabilidade quanto à inserção no mercado de trabalho. O que antes poderia ser concebido como um firme degrau em direção à emancipação individual e à realização social, agora se apresenta como um tablado incerto, suscetível às mudanças intempestivas do panorama econômico (Andrade, 2008).

O ingresso no mundo do trabalho constitui-se, tradicionalmente, em um dos principais marcos da passagem da condição juvenil para a vida adulta. No entanto, nas últimas décadas, em função de intensas transformações produtivas e sociais, ocorreram mudanças nos padrões de transição de uma condição à outra. O diagnóstico dominante aponta para as enormes dificuldades dos jovens em conseguir uma ocupação, principalmente em obter o primeiro emprego, dado o aumento da competitividade, da demanda por experiência e por qualificação no mercado de trabalho. Com isso, a transição para a vida adulta tem sido retardada (Andrade, 2008, p. 26).

Cabe dizer que em 2008, Andrade já apontava um cenário de redução da população jovem no Brasil, alegando que o segmento juvenil confirmava as projeções demográficas que indicavam uma desaceleração progressiva do ritmo de crescimento da população jovem, e, portanto, uma mudança nos pesos dos diversos grupos etários no conjunto da população brasileira (Andrade, 2008, p. 25).. Em 2023, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmou esse indicador<sup>7</sup>. A autora enfatiza ainda que, embora as médias de educação entre os jovens tenham aumentado e as condições de trabalho tenham melhorado, com um aumento significativo na formalização, não houve um crescimento equivalente na disponibilidade de oportunidades de emprego (Andrade, 2008, p. 30).

Apesar de datado o estudo mencionado acima, de Andrade, sendo o mesmo do ano de 2008, este traz perspectivas e análises importantes ao contexto econômico vivido nas últimas duas décadas, que reflete na vida da juventude. Num balanço mais recente realizado por Corrochano & Abramo (2016), as autoras refletem sobre os jovens brasileiros enfrentam dificuldades para acessar e permanecer em um posto de trabalho decente, especialmente os jovens pertencentes a famílias de mais baixa renda, moradores de áreas metropolitanas mais pobres ou de determinadas áreas rurais, especialmente mulheres e negros de ambos os sexos.

Frente a essas análises, a escola tem um papel crucial, porém, acaba não sendo ofertado de maneira adequada, em razão de suas inúmeras limitações, ora

---

<sup>7</sup> “Brasil não é mais um país de jovens: fatia da população com menos de 30 anos cai a menos da metade”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/06/brasil-nao-e-mais-um-pais-de-jovens-fatia-da-populacao-com-menos-de-30-anos-cai-a-menos-da-metade.ghtml>. Acesso em 2 de agosto de 2023.

estruturais, ora em decorrência da gestão. Assim, dizem as autoras, a qualidade do ensino pode significar, entre outras coisas, uma maior aproximação da educação em relação ao mundo do trabalho. Argumentam que a Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude aponta a necessidade da melhoria do acesso e da qualidade da educação como prioridades, considerando a realidade do ensino médio, onde persistem significativas taxas de evasão entre os estudantes matriculados. O que preocupa, de acordo com Corrochano & Abramo (2016), é que estudos a partir da opinião dos jovens evidenciam que a escola não tem despertado o prazer de estudar, o que pode ser um obstáculo para a preparação para o mercado de trabalho.

Assim, Corrochano e Oliveira (2023) inserem um debate ainda mais recente sobre a demanda da juventude a respeito da falta de inserção no mercado de trabalho. Dessa vez, a inserção, via o trabalho por aplicativos, de forma precarizada, que não solicita experiência prévia. Os jovens têm encontrado nas plataformas digitais uma forma de inserção profissional, especialmente no contexto de crise econômica e ascensão da uberização no capitalismo brasileiro (Corrochano e Oliveira 2023). Durante a pandemia de covid-19 cenas de pessoas trabalhando durante o isolamento ganharam destaque nos meios de imprensa. Os autores lembram que os entregadores de bicicleta enfrentaram riscos derivados da própria ocupação, como pedalar pelo trânsito, além dos riscos de contrair o vírus.

Ainda segundo Corrochano e Oliveira, as desigualdades sociais, de gênero, cor/raça e idade são relevantes na análise do perfil e das condições de trabalho do grupo que ilustra as reflexões de ambos, no caso os “bike-entregadores”, na cidade de São Paulo. Aproximadamente 3 em cada 4 desses profissionais têm entre 15 e 29 anos, sendo que a maioria desses jovens reside na periferia e se desloca até o centro da cidade para ligar os aplicativos via celular e trabalhar. Além disso, o perfil desses trabalhadores é majoritariamente composto por pessoas do sexo masculino e negro e negros.

Em outro estudo, Mendes & Guimarães (2022) trazem os seguintes dados sobre a situação da juventude trabalhadora e a precarização das condições de trabalho durante a pandemia:

Diante desse cenário de precarização exponencial, a juventude foi uma das parcelas da população mais afetadas, sobretudo pelo desemprego, como demonstram os dados do quarto trimestre de 2020: as pessoas de 14 a 17 (42,7%), de 18 a 24 anos de idade (29,8%), de 25 a 39 anos (13,9%) tiveram taxa acima ou igual à média nacional. Não por acaso, entre os

trabalhadores informais por aplicativo, a maioria é composta por trabalhadores jovens (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2021). De acordo com a PNAD COVID-19 é possível observar uma maior proporção de jovens entre os motoboys e entregadores, pois a porcentagem de trabalhadores com até 29 anos foi de 25,5% em maio de 2020, entre os motoboys essa proporção foi de 46,5% e entre os entregadores de 40,6%... (Mendes e Guimarães, 2022, p. 284).

Os dados acima explicitam nossa reflexão anterior, levantada por outros autores, a respeito das demandas da juventude quanto à inserção no mercado de trabalho, que vem acompanhada da precarização.

Trouxemos até o momento reflexões e estudos que abordam a juventude no contexto escolar, além de mencionar a relação desses mesmos jovens com o mundo do trabalho, incluindo no período da pandemia; todavia, cabe lembrar que nos últimos anos, em razão da mesma pandemia de covid-19, estudos produzidos a partir desse contexto contribuem para a ampliação da perspectiva sobre os estudos da juventude. Portanto, reservamos um espaço para a discussão sobre juventude, escola e pandemia.

Porém, antes, faremos uma conexão sobre os dois assuntos: trabalho e educação. Para isso, Silva e Vaz (2020), a paralisação das atividades escolares nas redes públicas de ensino atingiu uma considerável proporção dos jovens no país. Frente a esse contexto, cabe mencionar aqueles que financiaram sua própria educação podem ter enfrentado dificuldades para prosseguir com seus estudos devido à perda de empregos e à subsequente diminuição da renda familiar (Silva e Vaz, 2020, p. 105). Apenas alguns jovens conseguiram continuar seu aprendizado de forma online, não apenas devido aos desafios de acesso à internet, mas também devido à necessidade de dedicar mais tempo às responsabilidades de cuidar da família e das tarefas domésticas (Silva e Vaz, 2020, p. 105), especialmente se adicionar a variável gênero a essa equação. Assim, esse segundo motivo afeta particularmente as jovens mulheres, que tiveram que assumir uma carga maior de trabalho não remunerado em casa durante o período de isolamento social, devido à falta de apoio doméstico ou de lugares como creches/escolas durante a pandemia (Silva e Vaz, 2020, p. 105). Todavia, é válido lembrar que

... se antes do cenário pandêmico, o Brasil já contava com um número considerável de jovens que não estudavam, não trabalhavam e não estavam em treinamento, as especificidades da crise Covid-19 agravam esse quadro, na medida em que contribuem para aumentar o contingente de jovens que interrompem seus estudos e param de buscar emprego, ampliando o grupo dos jovens nem-nem desengajados da força de trabalho. Sem trabalhar e sem estudar, esses indivíduos não estão acumulando

capital humano, o que pode levar a perdas de rendimentos significativas e persistentes que comprometem suas trajetórias laborais ao longo da vida (Silva e Vaz, 2020, p. 105).

O cenário mostra que a intersecção entre a juventude, escola e trabalho é ampla, especialmente no que se refere aos estudantes da classe trabalhadora.

### 3.2 Juventude, Escola e Pandemia

No que concerne ao uso de diferentes tecnologias nos domicílios brasileiros, a pesquisa TIC Domicílios 2018 apontou que 30% das residências do país não têm acesso à internet, porcentagem que sobe para 50% se considerarmos as áreas rurais. O estudo mostrou também que entre as classes D e E, 85% se conectam à internet exclusivamente pelo celular, 2% apenas pelo computador e 13% por ambos os dispositivos (Pesquisa..., 2019). (Magalhães, 2021, p. 1265).

Os dados acima são trazidos para que situamos uma importante questão sobre o acesso às tecnologias digitais nos domicílios brasileiros pouco antes da pandemia de coronavírus: quase um terço da população não possuía acesso à internet em 2018, pouco antes do início da pandemia de covid-19. Dessa forma, com a adoção do modelo de aulas remotas emergenciais, durante o auge do contágio da doença, destinadas à comunidade escolar, é possível afirmar que parte dessa mesma comunidade sofria com a falta de infraestrutura básica, como computadores, tablet, internet e etc, para ter o direito de permanecer estudando, durante o regime de quarentena. Esse é um contexto que não deve ser esquecido ao se tratar e abordar sobre a juventude escolar durante a pandemia.

No ensaio de Ribeiro (2021), que discute a experiência radical imposta à educação durante a pandemia, abordando tópicos como tecnologias digitais e ensino remoto, uma análise é apresentada, caracterizando o período atual como um “ciclo de precariedade”. Esta visão oferece uma perspectiva enriquecedora para o nosso arcabouço teórico, ao considerar as restrições das políticas públicas educacionais pré-pandemia e incorporar as novas formas de precariedade ao cenário do debate.

Chamamos aqui de “ciclos da precariedade” aos retornos espirais que fazemos, sempre sobre o precário, ao mudar de modalidade de ensino. Assenta-se sobre a escassez a escola presencial, em sua falta de equipamentos, recursos e qualificação, de modo generalizado; mantém-se na precariedade a escola no modo remoto, não-presencial, agora por motivo de força maior, quando não temos recursos, qualificação e equipamentos que deem conta de nossas mais prementes necessidades, tais como, evidentemente, alcançar todos os estudantes matriculados na instituição,

por meio de recursos tecnológicos de acesso e posse amplos (Ribeiro, 2021, p. 3).

Devido à pandemia, o uso das tecnologias digitais se tornou fundamental para garantir o acesso à educação. Os alunos do ensino médio, que são o foco desta pesquisa, enfrentaram dificuldades em 2020 no estado do Paraná devido à falta de acesso aos estudos durante um período, ocasionando um impacto negativo no andamento do ano letivo. O Decreto Estadual nº 4.298, de 19 de março de 2020, que declarou estado de emergência em todo o Paraná devido à Covid-19, enfatizou a importância do distanciamento social como medida preventiva. As aulas remotas emergenciais tiveram início em abril de 2020 no estado. Entretanto, diversas escolas enfrentaram desafios ao fornecer o suporte necessário, como computadores e acesso à internet, aos estudantes durante a fase inicial. Relatórios divulgados pelo governo estadual em 2020 e 2021, na Agência Estadual de Notícias do Governo do Paraná, destacam relatos de jovens que se encontravam em situações de vulnerabilidade social e que enfrentavam dificuldades para acessar tanto a televisão quanto a internet.

Assim, Cortilho (2023) afirma que a pandemia de Covid-19 trouxe vários impactos para a formação e participação dos estudantes na escola, sobretudo entre os jovens da classe trabalhadora. O autor destaca que o que vivemos durante período pandêmico evidenciou as diferenças existentes entre os estudantes das escolas privadas, que facilmente possuíam acesso à internet e outros materiais de estudos, além lugar tranquilo para estudar em casa, e estudantes que têm origem na classe trabalhadora, que não dispunham mesma estrutura para lidar com os desafios impostos por esse período (Cortilho, 2023, p. 124). Isso resultou em um impacto desigual na educação dos jovens, afetando de maneira mais intensa aqueles que já enfrentavam dificuldades financeiras e sociais.

A situação gerada pela pandemia de COVID-19 teve um impacto profundo no sistema educacional, acentuando e exacerbando as desigualdades educacionais já existentes. Essa crise global expôs de maneira ainda mais aguda as discrepâncias entre dois grupos distintos de estudantes: aqueles que conseguiram se adaptar à nova realidade de ensino remoto e aqueles que enfrentaram obstáculos substanciais para continuar seus estudos de maneira eficaz. Enquanto um segmento de estudantes teve a oportunidade de fazer a transição para aulas virtuais e plataformas de aprendizado online com relativa facilidade, graças a recursos tecnológicos e

acesso confiável à internet, outro grupo se viu em desvantagem devido à falta de equipamentos adequados e conexões estáveis. A desigualdade de acesso às ferramentas educacionais necessárias tornou-se ainda mais evidente, aprofundando a lacuna entre os estudantes.

Nesse contexto, os estudantes com acesso limitado a recursos tecnológicos e materiais educativos acabam enfrentando dificuldades adicionais. A falta de internet estável e equipamentos adequados tornou difícil participar das aulas online e acessar o conteúdo de estudo. Além disso, a ausência de um ambiente propício ao aprendizado em casa, com ruídos e distrações, também acabou impactando negativamente o desempenho desses alunos. Em contrapartida, os estudantes de escolas privadas tiveram condições mais favoráveis para continuar seus estudos durante a pandemia. Com acesso à tecnologia e recursos educacionais, puderam manter uma certa continuidade em sua formação acadêmica, mesmo que de forma virtual.

Se por um lado a vida do jovem estudante trabalhador foi dificultada, quando adicionamos o recorte de raça à análise, o cenário não muda, senão pelo contrário, piora. A pandemia, que como já dissemos, evidenciou inúmeras desigualdades que já existiam, ampliando em maior número outras, não foi sutil a uma delas: a desigualdade racial, que afetam de forma significativa a população negra (Lourenço e Reis, 2022, p. 41). Especificamente, os jovens negros, que já enfrentavam desafios decorrentes da discriminação racial no ambiente escolar, no contexto da pandemia, deparam-se com obstáculos ao prosseguir seus estudos durante o período de quarentena (Lourenço e Reis, 2022, p. 43). Isso ocorreu em virtude à restrição de acesso a direitos básicos e à necessidade frequente de assumirem ocupações informais para garantir condições mínimas de subsistência. Além disso, há indícios sobre a falta de acesso à internet aos demais materiais escolares serem tidos como os principais entraves que os jovens negros enfrentam durante a pandemia (Lourenço & Reis, 2022).

Com relação a esta desigualdade no sistema educacional brasileiro, cabe destacar que a pandemia tem impactado a vida escolar de crianças e adolescentes negros de baixa renda após a adoção do ensino à distância como medida de prevenção, já que aulas presenciais foram suspensas nas instituições de ensino do país. Leite e Nunes (2007) já apontaram em estudo anterior que os jovens com maior nível de instrução são os mais aptos a terem acesso ao computador, enquanto jovens com menor grau de instrução são os que sofrem com a exclusão, pois não dominam o uso da informática (Lourenço e Reis, 2022, p. 44).

Mas a interrupção das atividades escolares em formato presencial durante o período de pandemia teve um impacto significativo sobre toda a Geração Z, um grupo demográfico constituído por indivíduos que, desde o seu nascimento, têm vivido em um mundo saturado de tecnologia, no qual a agilidade nas respostas, o acesso instantâneo à informação, os meios de entretenimento diversos e as conexões interativas com uma ampla rede de pessoas sempre foram a norma (Angelo e Costa, 2022, p. 124).

Contudo, a eclosão da pandemia global de Covid-19 provocou uma mudança abrupta nesse cenário digital, obrigando os sistemas educacionais a se reinventarem para se adequar ao paradigma de distanciamento social. Tal situação trouxe à tona a necessidade de conceber metodologias pedagógicas que fossem inovadoras, capazes de assegurar a continuidade do aprendizado regular mesmo diante do confinamento (Angelo e Costa, 2022, p. 126). O resultado imediato da suspensão das aulas presenciais reverberou pela rotina dos estudantes pertencentes à Geração Z<sup>8</sup>, modificando radicalmente a maneira pela qual eles absorvem conhecimento. Essa transformação foi particularmente impactante, tendo em vista as características inerentes a essa geração, cuja afinidade com a tecnologia e a aptidão para integrá-la de maneira orgânica às atividades diárias são comuns.

Nesse contexto, a interrupção das aulas tradicionais não apenas desencadeou a necessidade de adaptação rápida, mas também gerou um campo fértil para a exploração de novas ferramentas e plataformas de aprendizado digital. Com aulas online, recursos interativos e ambientes virtuais de ensino, os jovens da Geração Z foram instigados a desenvolver novas competências, como a autodisciplina, a gestão do tempo e a participação ativa na construção do próprio conhecimento, habilidades que, embora fundamentais, podem não ter sido tão enfatizadas em um contexto educacional predominantemente presencial. Como sugerem Fettermann e Tamariz (202):

Assim, foi preciso parar para pensar em estratégias possíveis para mover a educação da realidade presencial e fazê-la funcionar de forma remota com o apoio das famílias, em caráter emergencial, sem a possibilidade de capacitação prévia para os professores. Desse modo, surge a preocupação em não fazer apenas a transposição das práticas da sala de aula presencial

---

<sup>8</sup> “ A geração Z compreende o grupo de pessoas nascidas a partir de 1995. Cresceram junto com a popularização da internet e interagem com o mundo integrando todas as formas de tecnologia disponíveis. Para esse grupo, a visão sequencial do tempo é substituída pela visão paralela do tempo, em que a realidade é simultânea e é possível realizar várias atividades ao mesmo tempo, acessar várias realidades, participar de diversos grupos.” Geração Z. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/geracao-z.htm>. Acesso em 5 de agosto de 2023.

para os ambientes virtuais, tendo em vista que isso parece não ser suficiente para garantir que os alunos aprendam de forma significativa a distância ou on-line (Fettermann e Tamariz, 2021, p. 3).

À medida que as salas de aula migraram para o ambiente virtual, os alunos da Geração Z se viram diante de um desafio duplo: a manutenção do engajamento acadêmico em um contexto não presencial e a exploração de um mundo digital educativo em constante expansão. Essa transição, ao nosso ver, embora tenha envolvido ajustes e adaptações, também proporcionou oportunidades para aprimorar as habilidades de pesquisa, a independência intelectual e a colaboração virtual. Portanto, é inegável que a pandemia remodelou profundamente a relação da Geração Z com o processo educacional, impulsionando uma revolução no modo como eles aprendem, interagem e crescem intelectualmente.

Mas apesar dessa experiência sanitária ter proporcionado possibilidades criativas, não podemos nos esquecer das questões que envolvem a saúde mental desses mesmos estudantes. De acordo com Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro (2023), a suspensão das atividades educacionais presenciais durante o período da pandemia pode ter acarretado/acarretar efeitos desfavoráveis significativos na saúde psicológica e emocional de crianças, adolescentes e jovens (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 2). Especialmente em virtude das medidas de distanciamento social e das limitações de mobilidade ocasionadas pela persistente disseminação da pandemia de COVID-19 (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 2). A transição para a modalidade de ensino a distância pode ter gerado inúmeros obstáculos para a comunidade escolar e acadêmica, assim como instigou as famílias e/ou os tutores responsáveis por crianças e adolescentes a assumirem um papel mais ativo no processo de aprendizado dos seus protegidos (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 2).

Os autores mencionam ainda o impacto potencial do fechamento das instituições de ensino sobre um estrato da população frequentemente negligenciado, inserido no frágil e deficiente contexto de assistência social do Estado brasileiro. Nesse sentido, a ausência da interação face a face com colegas e professores, a interrupção abrupta das atividades escolares e a adaptação desafiadora aos ambientes virtuais podem ser agentes catalisadores de ansiedade, isolamento social e desmotivação entre os jovens (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 6)

A carência de suporte emocional adequado e a falta de recursos tecnológicos podem acentuar tais adversidades.

Fato é que a suspensão das atividades escolares e a implementação do ensino remoto emergiram como um desafio, especialmente quando se trata de equilibrar as obrigações profissionais e acadêmicas, principalmente para aqueles que dependem simultaneamente do trabalho e dos estudos para prover o próprio sustento e o de sua família (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 9). As ambições de alcançar independência financeira, a conclusão dos estudos e a responsabilidade pelo bem-estar da família são objetivos que parecem perder seu significado diante das adversidades impostas pela pandemia (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 9). Os autores inferem que:

Consideramos que o trabalho na pandemia se cruza com os processos de abandono/evasão escolar, os quais caracterizam a realidade de um número substancial de jovens, como vimos nos dados apresentados. A falta de experiência de trabalho e a entrada precoce nos trabalhos informais estão plenamente de acordo com a perpetuação de trajetórias escolares marcadas pela interrupção e precariedade. A baixa escolaridade não é rechaçada em um universo de trabalhos que dependem de certa disponibilidade e gerenciamento do tempo. Visto que a conclusão da escola não é mais garantida, tampouco a conclusão dos cursos universitários, parte dos jovens brasileiros apostou em trabalhos temporários, mas que se tornaram quase exclusivos durante a pandemia (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 12-13).

A vivência dessa juventude é marcada por uma experiência que se situa entre o âmbito formal e informal, oscilando entre a presença e a ausência. Este cenário é exacerbado pela existência de desigualdades pré-existentes tanto no mercado de trabalho quanto no sistema educacional, os quais já apresentavam fragilidades antes mesmo da crise sanitária.

Esse contexto também enfatiza a interseção entre trabalho e educação, destacando a relevância inerente dessa discussão num cenário mais amplo das aspirações por aprimoramento profissional e desenvolvimento educacional. As discussões em torno dessas temáticas ganham destaque ao compreendermos como as demandas por qualificação profissional e a formação educativa estão interligadas (Cavalcanti Chaves, Louback e Carneiro, 2023, p. 13) e como enfrentar os desafios impostos por essa interligação em um ambiente afetado por circunstâncias imprevisíveis e adversas.

Assim, não é alarmista apontar que a pandemia de COVID-19 trouxe consigo uma série de desafios sem precedentes, com impactos significativos em várias

esferas da sociedade, incluindo a educação e na vida dos jovens e profissionais que fazem parte da gestão escolar. No contexto brasileiro, a interrupção abrupta das atividades escolares presenciais teve um impacto profundo na aprendizagem dos alunos, resultando em consequências que podem ser sentidas a curto e longo prazo. A medida de suspender as aulas presenciais foi essencial para conter a disseminação do vírus e salvaguardar a saúde pública. No entanto, essa abrupta transição para o ensino remoto apresentou uma série de desafios para os estudantes do Brasil, especialmente aqueles provenientes de comunidades mais vulneráveis. A carência de acesso adequado à tecnologia, englobando dispositivos e conexão à internet, tornou a participação nas aulas remotas um obstáculo para muitos estudantes, como já citado anteriormente. Isso amplificou ainda mais a desigualdade no acesso à educação, impactando de maneira significativa os estudantes de menor poder aquisitivo.

Ademais, o ensino remoto também demandou uma rápida adaptação por parte dos educadores, que tiveram de reimaginar suas abordagens pedagógicas e encontrar formas eficazes de engajar os estudantes virtualmente. A ausência do ambiente escolar convencional, com sua estrutura e interação social, igualmente teve efeitos negativos no processo de aprendizado, apesar de ter experiências positivas. Muitos estudantes se depararam com dificuldades em manter a motivação e a concentração, o que levou a uma queda no rendimento acadêmico. Mesmo com os esforços das instituições escolares e dos professores em continuar o ensino de maneira remota, diversos conteúdos inevitavelmente deixaram de ser assimilados ou compreendidos em sua plenitude. Isso pode ter implicações duradouras no desenvolvimento educacional dos estudantes, afetando não somente seu progresso imediato, mas também suas perspectivas futuras.

Dias e Ramos (2022) trazem dados concisos com relação ao Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB), ao apontarem que “O advento da pandemia, por sua vez, provocou mudanças bruscas no processo de Ensino e de aprendizagem, não só nas escolas brasileiras, mas em todo o mundo” (Dias e Ramos, 2022, p. 861).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> “Recuperação da aprendizagem é prioridade e desafio para a maioria das redes municipais de Educação, revela pesquisa”. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/recuperacao-da-aprendizagem-prioridade-e-desafio-para-maioria-das-redes-municipais-de-educacao>. Acesso em 7 de agosto de 2023.

Com o advento da pandemia, o impacto na queda da aprendizagem foi enorme, o que se refletiu inclusive nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, não batendo a meta prevista para 2021, com uma diminuição do Ideb, que é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação). A título de exemplo, o Ideb, desta etapa escolar em 2019, de 5.7 foi o resultado de 6.02 (aprendizado) multiplicado por 0.94 (aprovação). Em 2021, esses dois componentes foram, respectivamente, 5.64 e 0.97 que produziu um Ideb de 5.5. A queda da aprendizagem foi 6.02 para 5.64 (INEP, 2021) (Dias e Ramos, 2022, p. 861).

Considerando esse contexto, a categoria sociológica da juventude emerge como uma ferramenta valiosa para a análise das mudanças ocorridas no âmbito escolar no cenário pandêmico (Cortilho, 2023, p. 124). Tomamos dessa afirmação do autor em virtude de que a juventude, como categoria social e histórica, mantém uma interconexão com as mudanças sociais, políticas e culturais de cada época e contexto.

A juventude é uma categoria histórica, porque ela nem sempre existiu no tempo e no espaço e não é a mesma dependendo do contexto histórico. Em sociedades tradicionais, com ritos de passagem definidos, como nas sociedades indígenas, ou nas sociedades antigas e medievais, “ser jovem” não era uma realidade posta como possibilidade. E a juventude constituiu-se como uma categoria social, porque ela não é vivenciada da mesma forma por todos os jovens, ou seja, dependendo do pertencimento à classe na estrutura socioeconômica, os jovens têm oportunidades e restrições diversas entre si (Cortilho, 2023, p. 127).

Groppo (2000) lembra o motivo de considerarmos a juventude como uma categoria social, visto que a mesma desempenha um papel de acompanhamento, influência e reciprocidade com as transformações em curso na sociedade, operando em um processo dialético. O autor destaca que a juventude constitui uma realidade social concreta, escapando de qualquer romantização ideológica. Portanto, no âmbito das análises sociológicas, é fundamental estabelecer conexões entre a juventude e outras categorias sociais, tais como educação, classe social, etnia, raça, religião e contexto urbano: “ao analisar as juventudes concretas, é preciso fazer o cruzamento da juventude – como categoria social – com outras categorias sociais e condicionantes históricos” (Groppo, 2010, p. 12).

Dessa maneira, ao iniciar a observação das vivências e do percurso formativo das atuais gerações da juventude dentro do cenário complexo da pandemia, somos capazes de adentrar aos impactos gerados por essas transformações a partir do conceito sociológico que abrange as juventudes contemporâneas (Cortilho, 2023). A análise das interações entre o sistema educacional e as experiências pessoais dos

jovens durante o período pandêmico nos proporciona uma visão abrangente das dinâmicas sociais subjacentes.

Ademais, conforme destacado por Cortilho, ao adotarmos essa perspectiva sociológica, podemos contemplar a reconfiguração profunda dos processos de aprendizado, as adaptações necessárias nas conexões interpessoais e as táticas para assegurar a continuidade dos estudos, todos esses elementos convergindo para a narrativa mais ampla que envolve a categoria das juventudes nesse contexto desafiador de pandemia.

#### **4. OS JOVENS ESTUDANTES DE FAXINAL-PR: DADOS EDUCACIONAIS DO MUNICÍPIO, EXPERIÊNCIAS RELATADAS E ANÁLISE DA COLETA**

Para poder situar o recorte onde a pesquisa de mestrado se insere, cabe mencionar que Faxinal é um município brasileiro localizado no estado do Paraná, na Mesorregião Norte Central, com distância aproximada de 100km de Londrina. A região em que o município se encontra fica nas proximidades da Serra do Cadeado, reservando áreas de turismo rural conhecidas por seus atrativos naturais, como cachoeiras e serras. O município de Faxinal foi fundado no ano de 1951, após emancipação de Apucarana-PR.

De acordo com dados oficiais do último Censo (2022) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Faxinal registra 16.389 habitantes. Apesar de defasado, o dado a respeito do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), resultante de informações disponibilizadas também pelo IBGE (2010), é de 0,687, sendo considerado mediano, comparado ao quadro estipulado pelas Nações Unidas. A respeito da média salarial dos trabalhadores formais do município, gira em torno de 2,1 salários mínimos (IBGE, 2010). Em 2021, o PIB per capita era de R\$ 28.779,4, de acordo com dados do IBGE. A respeito do índice municípios:

Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 314 de 399 entre os municípios do estado e na 2248 de 5570 entre todos os municípios. Já o percentual de receitas externas em 2015 era de 84,2%, o que o colocava na posição 223 de 399 entre os municípios do estado e na 3243 de 5570. Em 2017, o total de receitas realizadas foi de R\$ 57.332,07 (x1000) e o total de despesas empenhadas foi de R\$ 43.740,98 (x1000). Isso deixa o município nas posições 106 e 126 de 399 entre os municípios do estado e na 1609 e 1937 de 5570 entre todos os municípios (IBGE).

Sobre o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o município registra, na rede pública, para os anos iniciais do ensino fundamental, média de 6,1 (IBGE, 2021). Já para os anos finais do ensino fundamental, a média é de 5,1 (IBGE, 2021). Outro dado que pode ser considerado defasado diz respeito à taxa de escolarização nas faixas etárias entre de 6 a 14 anos de idade, sendo ela de 96,3% (IBGE, 2010). Esses dados podem não refletir, por exemplo, possíveis transformações ocorridas devido aos impactos da pandemia de Covid-19 no sistema de educação.

O município de Faxinal faz parte do Núcleo Regional de Educação de Apucarana. No site do núcleo<sup>10</sup> obtivemos informações a respeito das escolas. São mencionadas 6 escolas que ofertam o ensino médio, onde 5 são escolas públicas, e apenas 1 escola privada. São elas: Escola Estadual Professor Augusto Bahls, Colégio Estadual Érico Veríssimo, Colégio Estadual do Campo Fernando Sontag, Colégio Estadual Professora Maria Muziol Jaroskievicz, Escola Modalidade Educação Especial Mary Abela Micallef, e Colégio Estadual Olavo Bilac.

Com relação ao estado de arte sobre o tema juventude e educação no município de Faxinal-PR, realizamos pesquisas em sites de busca de artigos acadêmicos, como Google Acadêmico e Academia.Edu, com as seguintes palavras-chave, “Juventude, Faxinal-PR”, na intenção de encontrar outros referenciais que pudessem contribuir para essa discussão. Entretanto, nosso retorno foi praticamente nulo. Apenas um trabalho, fruto de uma dissertação de mestrado em Geografia, defendida no ano de 2019, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), foi localizado tendo esse recorte, expondo questões sobre educação e campo, evidenciando que a juventude que está no campo, deseja continuar estudando.

Torna-se claro que a maioria da juventude prefere continuar vivendo em sua comunidade, mas sem abrir mão da educação. A distância entre o campo e a cidade diminui com a popularização das redes de internet, e a educação precisa também chegar ao campo com melhor eficiência. O conhecimento que antes era passado de pai para filho, agora é posto à prova por uma nova mudança da ordem técnica e a demanda por educação voltada ao cotidiano rural se torna uma realidade concreta nos tempos da pós-modernidade, uma vez que o aumento da produtividade e o desenvolvimento local poderiam segurar a emigração no campo, conquistados através dos novos campos do mercado e do conhecimento (Stahlhoefer, 2019, p. 51).

Após essa breve apresentação e contextualização sobre Faxinal-PR, a partir de agora damos início à análise dos dados coletados por meio de uma atividade junto aos estudantes do ensino médio de uma escola pública de Faxinal-PR, buscando tecer diálogos com as discussões teóricas sobre juventude e escola apresentadas até o momento. Para tanto, cabe destacar a metodologia utilizada para a realização da coleta e o relato de como foi realizada.

---

<sup>10</sup> “Núcleo Regional de Educação de Apucarana - Faxinal”. Disponível em: <https://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=524>. Acesso em: 4 de setembro de 2023.

#### 4.1 Metodologia de coleta de dados

A coleta de dados para fornecer elementos à nossa discussão e delimitar o objeto foi realizada no Colégio Estadual Érico Veríssimo, uma das escolas que oferecem ensino médio em Faxinal-PR, onde os estudantes que frequentam o ensino médio pudessem descrever suas percepções sobre a pandemia e o ensino remoto, que serão apresentadas mais adiante. É importante mencionar que a escola onde a atividade foi realizada é a mesma em que o pesquisador deste trabalho ministra aulas de Sociologia, conhecendo os estudantes e os demais profissionais que compõem o corpo escolar.

Assim, a proposta metodológica utilizada para a aplicação do instrumento de coleta consiste no que Rezende (2009) descreve como uma atividade realizada pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Sociologia (LENPES) da Universidade Estadual de Londrina - UEL, onde a partir da realização de palestras sobre desigualdades sociais no Brasil, em uma determinada escola, solicitou-se que os estudantes escrevessem a respeito de alguns assuntos abordados:

No dia 09 de maio de 2008 foram feitas algumas palestras para os alunos do ensino médio da Escola Estadual Altair Mongruel sobre o seguinte tema: Desigualdades sociais no Brasil hoje. No final das referidas exposições, alguns membros do LENPES - Maria José de Rezende, Silvana do ensino médio um caderno com algumas questões que visavam detectar quais eram as suas percepções acerca da escola, do saber escolar, da vida escolar, da vida social, das múltiplas formas de desigualdades e dos caminhos e descaminhos das mudanças sociais no país. Eles foram incumbidos de dissertar livremente sobre tais questões, levando em conta a realidade social na qual eles (elas) estão inseridos (as) (Rezende, 2009).

Adaptamos a metodologia para nosso contexto específico, fato que possibilitou a replicação e aplicação de um instrumento construído para tal fim. Além disso, para que fosse observado um perfil dos estudantes que participaram da coleta, mesmo que sem identificação individual, solicitamos e indicamos que informassem os seguintes dados logo no início, que compõem os marcadores sociais da diferença: idade, gênero, cor, se o estudantes trabalha, e com quem reside.

## 4.2 O relato da coleta de dados

Durante os últimos dias do mês de novembro de 2023 e os primeiros dias de dezembro do mesmo ano no Colégio Estadual Érico Veríssimo, nas turmas do ensino médio, especificamente 2ª e 3º ano, em dois turnos distintos, matutino e noturno, utilizamos a metodologia apresentada e descrita acima para coletar os dados que dão embasamento a esta pesquisa.

De antemão, conversamos e informamos a equipe pedagógica do colégio, que autorizou a realização da dinâmica. Novamente, destacamos que o colégio em questão é o mesmo em que o pesquisador também trabalha como docente, ministrando aulas de Sociologia, fato que possibilita, portanto, conhecer, a priori, parte dos estudantes que elaboraram as redações.

Pedimos a colaboração da equipe pedagógica para que fosse coletado o material aqui apresentado e analisado, em razão de nossa limitação de horários. De nossa parte, foram coletados os dados do período noturno, junto a estudantes do 2º e 3º ano do ensino médio. A equipe pedagógica nos ajudou a coletar os dados dos estudantes do período matutino, repetindo a mesma dinâmica nas mesmas turmas, só que em turnos diferentes.

Foi proposto que os estudantes escrevessem sobre suas lembranças da pandemia de Covid-19 e o processo de aprendizagem que envolvesse a escola, a partir de alguns direcionamentos prévios, num formato de depoimento por meio de redação. A proposta foi realizada seguindo o seguinte esboço:

**Imaginando que você fosse realizar um documentário sobre COMO VOCÊ VIVEU A PANDEMIA em sua casa, no trabalho e na escola, escreva ou relate:**

Quais seriam os principais sofrimentos que você relataria sobre esse período? Quais seriam os principais conflitos que você viveu? Quais seriam os pontos positivos sobre a pandemia, se eles existirem? Como você sentiu as mudanças no colégio? E no estudo a distância? Como está sendo viver a mudança do novo ensino médio? Aproveite e conte um pouco sobre o que tem estudado esse ano. O que você pensa e como avalia as plataformas online na educação? Estudos dirigidos, aulas gravadas? Como você considera que essas mudanças afetarão a formação para o trabalho? Que tipo de trabalho você deseja um dia encontrar? Em que série ou ano do colégio você estava no período da pandemia de Covid-19?

Caso deseje, fique à vontade para acrescentar outras informações ou memórias que achar pertinente em seu relato ou escrita.

Durante a realização da atividade junto aos estudantes do 2º e 3º ano noturno, que resultaria em parte dos dados apresentados nesta pesquisa, sendo a outra parcela do matutino, cabe mencionar que já conhecíamos as dificuldades de leitura e interpretação que os estudantes possuem, em razão de exercer a docência junto aos mesmos. Assim, detalhamos e fizemos a leitura das questões informando o propósito das mesmas. Contudo, o observado na coleta das folhas confirmou as expectativas, sendo nítido que não houve muito desempenho e engajamento nas respostas. Diante disso, decidimos selecionar apenas algumas das respostas/redação coletadas para que pudéssemos despende mais tempo nas análises sobre as mesmas. O critério utilizado foi selecionar as respostas que observamos terem sido mais desenvolvidas pelos estudantes, do ponto de vista da escrita. Entretanto, as demais respostas estarão disponíveis nos anexos da dissertação.

No período matutino, como narrado anteriormente, as questões foram deixadas sob a responsabilidade e supervisão da pedagoga para que fossem aplicadas junto aos estudantes, que as destinou a um professor de Sociologia regente da turma no momento da aplicação. Todavia, nossas expectativas iniciais eram de que as respostas do matutino fossem mais completas, o que não ocorreu.

### **4.3 Descrição dos dados coletados**

Ao todo, 45 estudantes participaram da dinâmica de atividades realizadas para coleta de dados no formato de pequenos textos/redação, nos períodos matutino e noturno. Das 45 respostas, 33 julgamos serem mais completas e desenvolvidas para a análise, enquanto em 11 delas quase não houve engajamento e desenvolvimento das respostas. Por essa razão, consideramos essas 11 respostas “descartadas”. Como já mencionamos, pedimos que os participantes informassem por meio de autodeclaração alguns dados que possibilitasse construir um perfil dos respondentes. A seguir, apresentamos o perfil dos estudantes do 2ª e 3ª ano do ensino médio matutino e noturno do Colégio Estadual Érico Veríssimo, Faxinal-PR.

<b>IDADE</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>COR</b>	<b>TRABALHA</b>	<b>RESIDE COM QUEM</b>
<b>Entre 15 e 16</b> 1	<b>Feminino</b> 28	<b>Preta</b> 3	<b>Sim</b> 19	<b>Somente mãe</b> 10
<b>Entre 16 e 19</b> 43	<b>Masculino</b> 16	<b>Parda</b> 16	<b>Não</b> 23	<b>Pais (mãe e pai e outros integrantes)</b> 23
<b>Mais de 20</b> 0	<b>Não informou</b> 1	<b>Branca</b> 24	<b>Não informou</b> 2	<b>Sozinho</b> 3
<b>Não informou</b> 1		<b>Não Informou</b> 2		<b>Outros</b> 7
				<b>Não informou</b> 2

Tabela 1: dados coletados demonstrando o perfil dos estudantes, 2024.

Nos dados tabulados observamos a prevalência de respostas do gênero feminino, com 28 pessoas, enquanto 16 pessoas se identificaram com o gênero masculino. Com relação à faixa etária, 43 respostas são de estudantes que possuem entre 16 e 19 anos, contendo apenas 1 resposta abaixo dessa faixa etária, e 1 pessoa não informou a idade. No eixo raça, 24 pessoas se consideram brancas, 16 são pardas, e 3 pretas. Já sobre a categoria trabalho, 23 estudantes declararam que não trabalharam, e 19 disseram trabalhar. E na composição informando com quem o estudante reside, a maioria reside com os pais, sendo esse número um total de 23.

#### 4.4 A experiência por meio da escrita dos jovens estudantes

Nesta sessão, alguns dos textos escritos pelos estudantes serão apresentados. Faremos o possível para destacar diferentes perspectivas de gênero e declaração étnico-racial.

17 anos  
feminino  
parda  
sim  
com os meus pais

O aprendizado ruim, a qualidade de estudo diminuiu muito, o que dificultou o aprendizado. A falta de convivência com pessoas fora de casa e a distância daqueles que estamos acostumados a estar juntos.

O ponto positivo foi que pude passar mais tempo com minha família. Senti a mudança quando tivemos que interromper os aulas e aplicar o estudo a distância, o estudo a distância foi complicado, já que a dificuldade de aprendizado era maior e muitas vezes a internet não ajudava a estudar. Para mim a mudança do novo ensino médio tem os seus lados bom e o seu lado ruim, temos mais tempo para estudar e estar na escola, porém não temos tempo para trabalhar ou fazer cursos fora da escola, o que acaba dificultando a vida do adolescente.

Tenho apenas um currículo e as únicas coisas que mudam nele são os cursos, pois tenho que adicionar uns a mais nele. As plataformas podem ser muito úteis, porém, ajuda para que os alunos não façam nada na sala de aula e algumas vezes acaba piorando o ensino dos professores.

Aulas gravadas e estudos dirigidos são bons, porém quando temos dúvidas sobre a matéria é difícil de tirá-las, já que não temos um professor presente.

Considero que essas mudanças podem afetar na formação de profissionais, pois com a criação de sites, ai ficou mais fácil lidar em trabalhos e provas; assim o aluno não aprende e pode se tornar um mal profissional e não saber de nada, mesmo encontrando um trabalho onde haja valorização dos funcionários e cuidados com ele, estava no 8º e 9º ano do ensino fundamental.

Quando voltei para o presencial e entrei no primeiro ano as coisas se complicaram, já que as aulas adicionais do curso de administração era online e não aprendíamos nada com elas, o que resultou em vários notas baixas e falta de aprendizagem da sala toda. Tivemos que estudar por fora das aulas para aprender algo.

Figura 1: redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, parda<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Justificamos nossa escolha de tornar duas imagens em apenas uma figura, como é o caso da "Figura 1", fato que será observado também nas demais figuras apresentadas no texto. Por se tratar de um único texto escrito à mão pelo/a mesmo estudante, que foi transformado em arquivo pdf e posteriormente em arquivo jpg por nós para que fosse adicionado à dissertação, o recorte do arquivo foi feito automaticamente em razão da formatação das páginas. Entretanto, por ser um texto contínuo, nossa escolha conceitual foi que as duas imagens fossem consideradas apenas uma figura, resultando no que pode ser visto nessa e das demais páginas, onde a legenda aparece apenas na segunda imagem, logo abaixo da primeira. É desse modo que podem ser encontradas na Lista de Tabelas apresentada no início da dissertação. Portanto, imagens sem legenda significam que estão em conjunto com a imagem encontrada logo abaixo, essa sim legendada.

No perfil acima, figura 1, 17 anos, feminino, parda, que trabalha e mora com os pais, a mesma relata que a aprendizagem durante a pandemia de Covid-19 foi ruim, visto que a qualidade de ensino, em sua avaliação, diminuiu. Traz também o relato da ausência de convivência com outras pessoas de fora do ambiente doméstico, o que nos leva a pensar sobre sua percepção da escola como um importante lugar de socialização. Além disso, discorre sobre as dificuldades no estudo que considera “à distância” com relação ao uso de plataformas digitais e as limitações impostas pela precariedade do acesso à internet, uma realidade já apontada em capítulos anteriores, de acordo com a literatura especializada. A estudante também menciona os prós e contra do Novo Ensino Médio, que, em sua avaliação, acaba prejudicando o adolescente que deseja construir um currículo de trabalho competitivo para o mercado, tendo em vista que não dispõe de tempo suficiente para realizar cursos fora da escola, ou mesmo trabalhar. Essa análise é interessante, considerando de se tratar de uma jovem que já ocupa um posto de trabalho, como informado pela mesma. Andrade (2008) discute sobre essa preocupação que envolve a juventude.

Idade: 17

Gênero: feminino

Cor: bronze

Trabalha: Baba

Com quem reside: Mãe, irmã, padasto.

Qual seria os principais sofrimentos relatados?  
 Tocar distante das pessoas, colocar em risco  
 vida de todos, solidão, ansiedade e etc.

Quais seriam os principais conflitos que você viveu?  
 Vários familiares discutindo sobre o vírus,  
 e os vizinhos, a respeito dos efeitos letais.


Quais seriam os pontos positivos, se existiram?  
 Na minha opinião foi ter mais tempo com o  
 pessoal de casa, mas não foram muitos pontos  
 positivos nesse caos que estava no mundo inteiro.

Como você sentiu as mudanças no colégio?  
 Primeiro que no começo passamos a fazer aulas  
 online, nada ficamos depois de um tempo retornamos  
 mas a ir pro colégio, mas mesmo assim  
 tinhamos que ter cuidado, a distância das  
 colegas, não dividir comida ou materiais, usar  
 máscara e por outros atores cuidados.

No estudo a distância? Foi bem difícil no come-  
 ço se adaptar online, mas depois acostumei.

Como está sendo lidar a mudança do novo  
 Ensino médio? Na minha opinião, mudou  
 bastante no ensino e aprendizagem, mas é  
 bom mudar um pouco a maneira de  
 aprender e também aprender coisas novas.

Sobre o currículo? O que você mais gosta  
 da do antigo currículo? Não tenho muito o que  
 dizer sobre o currículo antigo pois alguns  
 eram bem legais, mas o que importa é  
 o conteúdo e nem sempre as aparências.

E do novo currículo? Os currículos de hoje em  
 dia, tem um que tem mais conteúdo e  
 alguns podem ser até pela internet. O que você  
 pensa e que avalia via plataforma na educação? 

27.10.23

Algumas plataformas são bem, legais de usar, as outras são complicadas, na minha opinião preferia a forma antiga de aprender, prefero fazer cartões, mapas ou trabalhos mesmo, hoje em dia é bem mais complicado.

Estudo Dirigido, aulas gravadas, sobre o estudo dirigido, e bem ter alguém acompanhando nossa aprendizagem, e as aulas gravadas em algumas situações é bem fazer, não. Como condutora, que essa mudança afetaria a formação para o trabalho? Depende, muitas mudanças afetariam no início, mais depois a costumamos com as mudanças.

Que tipo de trabalho que você deseja um dia encontrar? desejo trabalhar em algo que me desafie, não ficar cansada ou estagnada, trabalhar por anos na mesma coisa, gosto de meir com pessoas, exemplo na área de psicologia ou Administração ou até professor.

Em que série ou ano você estava, no tempo da pandemia?  
Estava no 9. ano, finalizado de 2021.

tilibra

Figura 2: redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, branca.

Já neste segundo perfil de resposta apresentado, na figura 2, mudamos apenas uma variável, a identidade étnico-racial. 17 anos, gênero feminino, branca, trabalha e reside com mãe, irmão e padrasto. Neste caso, a jovem inicia mencionando sintomas de preocupação, além de relatar solidão e ansiedade. A estudante menciona ainda que no início teve dificuldades com o ensino remoto, mas que posteriormente se acostumou, não dando muitos detalhes sobre dificuldades de aprendizagem.

IDADE: 19	TRABALHA: SIM
ACUMULADO: Homem	RESIDE: Mãe
COR: Preto	

É pandemia que ocorreu no mundo em 2020,  
 teve um impacto muito grande no vida das pessoas,  
 a pandemia me causou muitos sofrimentos,  
 no começo tivemos que nos adaptar, adaptar por  
 um método online, que tornou a vida dos alunos  
 muito ~~difícil~~ difícil, fazendo com que aumentasse  
 a ansiedade e o estresse.  
 Eu estava no primeiro série e a transformação  
 com o passar do tempo, tudo foi voltando para  
 o método normal.

M

Figura 3: redação redigida por estudante do ensino médio, 19 anos, homem, preto.

Neste terceiro exemplo de resposta, figura 3, temos um estudante que se autodeclara preto, com 19 anos, que trabalha e reside com a mãe explicitando sua vivência no período. Apesar de sucinto, o jovem também elenca o sofrimento do

período com relação ao aprendizado, sendo enfático ao dizer que “com o método online que tornou a vida dos alunos muito difícil fazendo com que aumentasse a evasão escolar”. A observação sobre a evasão escolar também dialoga com a literatura sobre o cruzamento de dados socioeconômicos e evasão, lembrando que a pandemia escancarou a vulnerabilidade social do país, como chamamos a atenção no capítulo 2, subitem 2.2.

IDADE: 18  
Gênero: M  
COR: BRANCA  
TRABALHO: SIM  
RESID: SUBURBANO

A pandemia não de nada ninguém estava esperando por algo assim. Com tanta propaganda teve muitos mortos de pessoas próximas e de fora foi um ano muito difícil para todos tivemos que ficar trancado dentro de casa para não ser contagiado pelo vírus muitas pessoas nesse período entraram em depressão de mataram desistiram da vida, mas e aqueles que sabem tivemos que ver parentes menos pessoas que amamos ir em dor e sem podermos se despedir, isso foi um golpe para todos tivemos que ficar sem estudar sem ver amigos colegas pessoas especiais mas tem uma parte que os familiares ficaram juntos aproveitaram o tempo fazendo coisas legais.

Uma coisa ou sei que essa pandemia ensinou muitas coisas descansem menos mas deixem esperança, solidariedade ao próximo e nesse tempo fizemos amigos virtuais pelo celular,

Figura 4: redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, masculino, branco.

O perfil de respostas apresentado na figura 4, gênero masculino, 18 anos, branco, que trabalha e reside sozinho, abordou sobre depressão, entrando pouco no assunto sobre escola e aprendizagem. Sentimos que o estudante utilizou do espaço para elaborar mais suas dores e sofrimento com relação ao momento, o que pode ter sido importante para o mesmo.

IDADE: 18 Gênero: M COR: Parda Trabalho: Sem  
 Com o tema Assunto: Escola

No início da epidemia em março de 2020, foi muito difícil para nós brasileiros, foi muito rápido o vírus se espalhar muito fácil, no começo foi muito difícil sem poder trabalhar, os comerciantes sofreu com os seus comércio, os autômos sofreu também dificuldades, foi muito difícil para mim muitas coisas me prejudicou com os estudos, trabalho, não só para mim também, mas aí foi passando o ano e foi ficando, muito difícil, sem muito estudos, sem poder ir as aulas não dava certo aulas online, prejudicou muito os estudos, no início de 2023 em abril, peguei a covid de 19, fiquei 45 dias sequestrado dentro do quarto e sem ter aulas porque não conseguia focar nos estudos, isso também foi muito triste, morreram mais de 600 mil pessoas, família, amigos, parentes etc. A pandemia para mim foi para mim, um momento muito difícil para minha família, minha mãe estava lá fora na linha de frente do covid, era difícil porque a gente não podia chegar perto dela, isso foi muito complicado, perdi 3 amigos na pandemia, então a pandemia, só chegou para matar e deixar pessoas no hospital, e foi muito complicado e ficou muito ruim sem escola.

Figura 5: redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, masculino, parda.

Na figura 5 vemos o relato de um estudante de 18 anos, gênero masculino, cor parda, que trabalha e reside com a esposa. Novamente, percebe-se o tom de desabafo nesse espaço textual proposto aos estudantes, onde o relato encontra o sofrimento das perdas coletivas de vidas durante a pandemia, as dificuldades em relação aos estudos e trabalho, além de ter encarado a doença no corpo.

Como é possível observar na maioria dos relatos apresentados até agora, a realidade enfrentada por esses jovens estudantes que compartilham o mesmo grupo etário, entre 16 e 19 anos, com diferenças quanto ao grupo étnico-racial, brancos, pretos e pardos, além de gênero, masculino e feminino, durante a pandemia, trouxe sofrimentos comuns aos mesmos, em razão do isolamento obrigatório e do sentimento de preocupação com entes queridos, como parentes e amigos. Para além desses sentimentos com a saúde-mental desses jovens ao longo do período, a preocupação com questões ligadas ao trabalho também é percebida.

Fato é que a pandemia trouxe mudanças abruptas na rotina dos estudantes em questão, resultando em uma série de desafios emocionais. O isolamento social, a transição para o ensino remoto e a incerteza global que emergiu com o quadro que se instalou contribuíram, sem dúvidas, para o aumento do estresse e da ansiedade entre os jovens estudantes, algo que fica evidente nas respostas textuais apresentadas acima. A ausência da interação social presencial, restrita aos familiares que residiam junto, e a adaptação às novas tecnologias educacionais são fatores que, se observados nas respostas, podem ser tomadas como impactantes na saúde mental dos estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Érico Veríssimo em Faxinal-PR.

Conforme discutimos no capítulo 2, a desigualdade socioeconômica intensificou os efeitos da pandemia nas famílias de modo geral e nos jovens, uma vez que assuntos como a preocupação com o trabalho podem revelar, inclusive, que alguns enfrentam dificuldades financeiras e de acesso à tecnologia, agravando o sentimento de exclusão e acentuando as disparidades educacionais, além de prejudicar a aprendizagem.

Quanto a isso, lembremos o que aponta Magalhães (2021):

Além dos dados apresentados, qualquer medida que vise estimular a EAD ou formas de ensino remoto no país deve considerar também a realidade daqueles estudantes que têm alguma responsabilidade doméstica, aqueles que precisam trabalhar em idade escolar e os

que, embora tenham celular, não podem pagar por um pacote de dados suficiente para acessar plataformas e aplicativos educacionais. Cabe destacar também que muitos estudantes brasileiros tiveram, infelizmente, familiares doentes, que perderam o emprego ou que faleceram em virtude da pandemia de covid-19, e que um número considerável está enfrentando problemas graves de alimentação, pois, para muitos, a merenda escolar é a única refeição diária. O problema para essas crianças e adolescentes vai muito além das dificuldades de acesso às mais modernas tecnologias. Elas não têm garantidas as condições mínimas de segurança alimentar e de saúde física e mental, sem as quais viver se torna uma tarefa extremamente difícil, e estudar, praticamente impossível (MAGALHÃES, 2021, p. 1265).

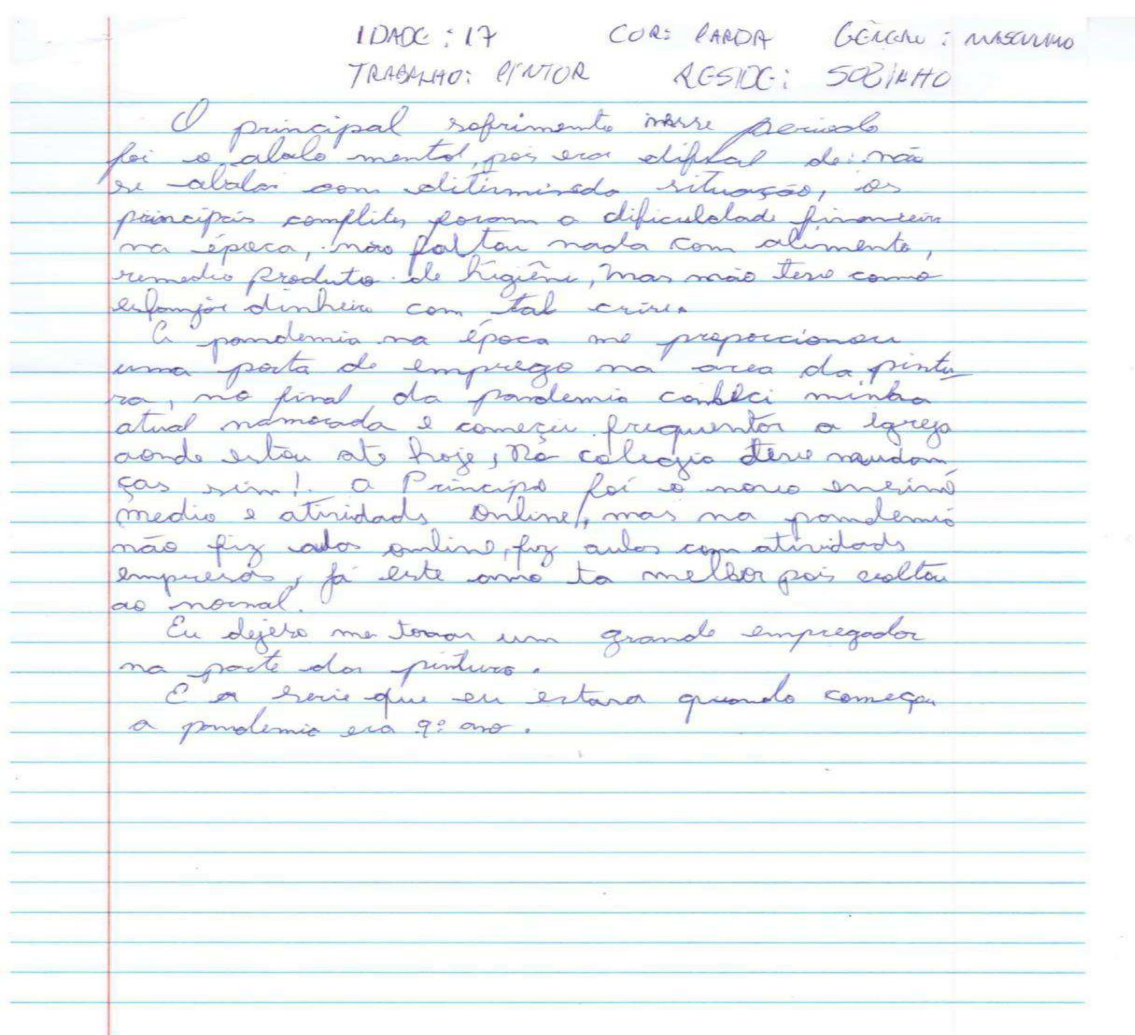


Figura 6: redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, masculino, parda.

Em perfeito diálogo com as elaborações de Magalhães está o relato da figura 6, um jovem de 17 anos que narra o abalo mental sofrido durante a pandemia e as dificuldades financeiras, que praticamente tornou obrigatório que o mesmo começasse a trabalhar, o que considerou uma “porta de emprego”. Nesse sentido, Andrade (2008) aponta que

Salienta-se que, mesmo quando o trabalho não é uma imposição ditada pela necessidade de subsistência familiar, o que por si só o justificaria, os jovens têm a tendência de encará-lo como uma oportunidade de aprendizado, de ter acesso a variados tipos de consumo e de lazer, de alcançar a emancipação econômica. Desse modo, a associação entre os baixos níveis de renda familiar e a possibilidade de o jovem estar inserido como estudante e trabalhador na estrutura ocupacional não é tão imediata quanto parece. São muitos os jovens cuja renda familiar possibilitaria uma dedicação exclusiva aos estudos, mas que acabam optando, ou melhor, escolhendo também trabalhar (ANDRADE, 2008, p. 28).

O que se apresenta em termos de dados a serem observados nas escritas textuais desses estudantes traz polissemias de camadas e dilemas quais as juventudes, no plural, enfrentam nessa fase da vida, acrescido de uma experiência de fato social total que afetou todos nós, a pandemia de Covid-19, mesmo que de distintas formas. Como se observa, notamos que tenhamos direcionado que os estudantes desenvolvessem sobre o assunto aprendizagem, ensino remoto e Novo Ensino Médio ao longo do período pandêmico, muitos preferiram dar vazão ao sofrimento que os afetou. Isso, ao nosso ver, é uma informação crucial, do ponto de vista analítico, relevando como esses jovens se sentiram ao longo da pandemia. Também nos leva a questionar se, de fato, tiveram oportunidade de falar sobre esses sentimentos em algum espaço.

Assim, é importante salientar que a juventude durante a pandemia enfrentou dilemas que foram acentuados por desigualdades sociais que se entrelaçaram com os marcadores raça, classe e gênero, numa perspectiva de análise interseccional. O acesso desigual às tecnologias digitais para aulas remotas amplifica as disparidades, sendo plausível salientar que jovens de comunidades racializadas frequentemente enfrentam obstáculos adicionais. A classe econômica também desempenhou um papel crucial, com jovens de famílias menos favorecidas lutando para manter o ritmo da educação remota, agravando assim as inúmeras brechas educacionais.

Lembremos ainda de dados amplamente divulgados ao longo dos últimos anos, discutindo sobre as disparidades de gênero na pandemia terem manifestado-se na saúde mental, com as mulheres jovens enfrentando pressões adicionais, como responsabilidades domésticas e riscos de violência de gênero em seus próprios lares, que, teoricamente, seria seguro para se proteger da contaminação pelo vírus. A crise de saúde mental entre a juventude tornou-se uma realidade silenciosa, agravada pelo isolamento social, incertezas sobre o futuro e dificuldades de adaptação, como revelam os jovens estudantes acima.

Definir o que temos chamado de saúde mental neste é importante, sendo assim, trazermos uma discussão ampla, apresentando algumas perspectivas.

A saúde mental é um conceito de difícil definição, tendo em vista que diferentes áreas do conhecimento, saberes, discursos e políticas se ocupam em estabelecê-lo. Conforme a OMS (2013), a saúde mental é parte integrante da saúde, a qual é definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Isso significa dizer que ter saúde não é somente não ter doença. Segundo a OMS, a saúde mental é “concebida como um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar as próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir para sua comunidade” (OMS, 2013, p.7, tradução nossa). Nesse sentido, para a OMS (2013), saúde mental não é simplesmente a ausência de transtornos mentais, tais como a depressão, o transtorno afetivo bipolar, os transtornos de ansiedade, a esquizofrenia, entre outros. A definição de saúde mental adotada pela OMS destaca sua multicausalidade, ou seja, a saúde mental de uma pessoa não é resultado exclusivo de um processo individual, trata-se de consequência de uma multiplicidade de fatores de ordem subjetiva, mas também social, econômica, ambiental, cultural e política, os quais são indissociáveis. Definição semelhante à da OMS é expressa em cartilha dirigida aos adolescentes e jovens que passam por situação difícil ou que buscam ajudar uma pessoa próxima em sofrimento. Essa cartilha foi apoiada pelo UNICEF (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância) e publicada em meio à pandemia. Nela também se afirma que a saúde mental não é meramente ausência de transtornos mentais, “É conseguir passar pelas coisas que acontecem em nossa vida, mesmo as ruins, e depois conseguir seguir em frente”, está relacionada “a nossa saúde física, nossas questões emocionais e também com a justiça social, a autonomia e a segurança” (SCAVACINI; FONTOURA, 2021, p.6). A saúde mental da população ao redor do mundo, em especial a de pessoas em situação de vulnerabilidade, tem sido afetada pela pandemia de covid-19 e por seus desdobramentos nos âmbitos econômico, social, educacional e político. Afetada no que diz respeito ao surgimento e agravamento de transtornos mentais, e ao aparecimento de efeitos psicológicos considerados negativos, tais como medo, raiva, irritabilidade e falta de concentração (CAVALCANTI CHAVES, J.; LOUBACK, J.; CARNEIRO, C., 2023, p. 4-5).

Considerando essa discussão, é pertinente notar que nos relatos dos estudantes, assuntos que atravessam essas definições são frequentemente mencionados, caracterizando que um dos anseios desses estudantes estavam completamente ligados à saúde mental, o que pode ter afetado o desempenho ao longo das aulas remotas, realizadas em um ambiente doméstico/territorial nem sempre favorável à concentração. Os autores ainda mencionam que

As recomendações de restrição de movimento, distanciamento físico, quarentena e isolamento provocaram fortes impactos na saúde mental. Em uma revisão das evidências sobre o impacto psicológico da quarentena, Brooks et al. (2020) encontraram estudos que relataram sintomas como distúrbios emocionais, estresse, humor deprimido, irritabilidade, raiva, exaustão emocional, além de depressão e sintomas de estresse pós-traumático (CAVALCANTI CHAVES, J.; LOUBACK, J.; CARNEIRO, C., 2023, p. 6).

Queremos trazer mais dois exemplos a serem discutidos, onde os relatos foram bem desenvolvidos pelos jovens.

Idade: 37 Anos  
Gênero: Feminino  
Cor: Branca  
Trabalha: Não  
Com quem reside: Pai, mãe, irmã

No começo da pandemia foi um choque pelo o vírus desconhecido, que matava milhões de pessoas onde passava, parando o mundo todo.

No meu caso: parei de ir ao colégio e comecei a estudar pelo meu, passava o dia limpando a casa e fregando... Evitando o máximo sair de casa.

Nesse período existiu muitas mortes no mundo todo. Felizmente na minha família não teve nem uma, porém existindo uma dificuldade enorme em não sair de casa e se desconectando de nossos hábitos carinhosos de: abraços, beijos, sair festajar...

Viendo assim a pandemia foi um acontecimento muito triste; entretanto nesse meio tempo conseguimos ficar mais tempo com quem amamos e amamos juntos.

Com isso tudo o colégio teria que achar alguma forma para chegar (se quiser dizer) aos seus alunos diminuindo o conhecimento, incentivando aulas on-line que foi no meu caso; viendo uma conclusão de estudo com pouco esforço... Sendo que num essa tecnologia seria boa e suficiente para entrar no lugar dos professores e diminuindo um grande índice de insucesso como

no decorrer desse tempo.

Nos dias de hoje está muito melhor com os alunos em sala com os professores, porém algumas plataformas não ajudam muito, oferecendo grandes dificuldades para professores e alunos sem rede Wi-Fi ou aparelho apropriado não conseguindo acessar aulas on-line ou gravadas no site, visando pouca informação a quem está ali com o propósito de aprender.

No tempo de agora estou no 3º ano, me passando o tempo muito rápido desde da entrada da pandemia ao meu 9º ano; conseguindo melhor aprendizagem nos colégios que a passei e me abrindo portas para meu futuro em administração bancária; conseguindo me estabilizar futuramente.

Figura 7: redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, branca.

Na figura 7 estão contidas as palavras de uma jovem de 17 anos que descreveu seus temores ao longo da pandemia, evidenciando um dos aspectos que trouxemos em destaque acima, sobre o trabalho doméstico. O tema se faz presente

na seguinte expressão: “limpando a casa”. Nas respostas obtidas, somente aquelas que se identificaram com o gênero feminino, mulheres, mencionaram trabalho doméstico entre os afazeres desempenhados em seus lares durante o período de isolamento e aulas remotas. Outro ponto importante é a presença quase constante de críticas ao modelo remoto de ensino, que neste caso, a estudante menciona ser “uma conclusão do estado sem muito retorno”.

Ao nosso ver, toda essa experiência atravessada pelo isolamento físico, longe dos colegas e do ambiente escolar, contribui para essa fadiga emocional narrada em praticamente todos os textos que tiveram maior desenvolvimento e empenho de escrita. A ausência da interação presencial e a atmosfera dinâmica da sala de aula transformaram o aprendizado em uma experiência solitária, deixando muitos estudantes com esse sentimento de esgotamento. A juventude se viu envolta de um momento onde não podia aproveitar as interações sociais, em razão do isolamento. Essa aflição que atravessa os relatos foram sentidas, também, por outras faixas etárias, mas em contextos diferentes.

Lembramos que os estudantes que responderam a essas questões estão em um território específico, no interior do Paraná, de maioria branca. A abrangência dessas diferenças devem considerar, inclusive, o marcador social territorial. Ou será que as limitações e dificuldades de jovens dos centros urbanos são as mesmas de jovens do meio rural? Do interior da Amazônia e de Campinas? Não são.

Falar sobre isso é importante pois, como sabemos, a pandemia não foi apenas uma crise de saúde, mas também uma forma de afetar territórios de diferentes maneiras. Os impactos se desdobraram de maneira desigual, revelando as disparidades sociais e econômicas existentes em diferentes regiões do Brasil e consequentemente do mundo. Em áreas urbanas densamente povoadas, a propagação do vírus foi frequentemente mais rápida, sobrecarregando os sistemas de saúde já fragilizados, trazendo ainda mais vulnerabilidade para regiões onde o acesso a cuidados médicos já era limitado, algo que ampliou as desigualdades de saúde entre territórios urbanos e rurais.

Para finalizar nossos exemplos, selecionamos um último relato de um estudante.

IDADE: 17  
 GÊNERO: FEMININO  
 COR: BRANCA

TRABALHA: NÃO  
 RESIDE: C/OS PAIS

1) Os principais sentimentos? *Normal e tranquilo (17)*

A falta dos meus amigos, o isolamento, o estudo a distância e ficar longe dos amigos.

2) Principais conflitos?

O isolamento, ficar todo mundo juntos dentro de casa, e minha família ter pegado covid.

3) Pontos positivos?

Me aproximar, e aprender a ficar mais tempo com minha família.

4) Mudanças na escola?

Estranho pela o afastamento e pelas novas regras de convivência.

5) No estudo a distância?

Não consigo me concentrar e não aprendo nada.

6) Mudanças sobre os novos Eixos Médios?

Não fizemos parte dos novos Eixos Médios.

7) Sobre o currículo?

Não temos.

8) O que mais no conteúdo currículo?

O exercício.

9) E do novo currículo?

Algumas aulas mais fáceis na prática.

10) O que mais gosta no conteúdo currículo?

Nada.

11) O que menos gosta no novo currículo?

Por ser muito cansativo.

12) Das plataformas?

Algumas boas outras ruins.

13) Aulas gravadas?

Não necessário pois a forma de explicar é diferente.

34) calcularão as formações do trabalho?  
 Não. Já tempo. Já a formação do trabalho.

35) Tipo de trabalho?  
 Um que ganha bem e que eu consigo me dar bem?

36) Será que estarão no período da pandemia?  
 3º ano.

Figura 8: redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, branca.

A estudante, 17 anos, que aparece na figura 8 apresenta uma situação diferente de todos até agora. Quando perguntada sobre o ensino remoto, afirma o seguinte: “não consegui me concentrar e não aprendi nada”. Afirmar que ao longo de todo o ensino remoto não conseguiu aprender nada tem certa relevância. Pois, caberia perguntar aos órgãos competentes: para que então serviam as aulas remotas? Sendo que inúmeros estudantes relatam dificuldades em aprender nesse período. Como fica o aprendizado dessa jovem estudante?

Para que não sejam censuradas as respostas dos questionários “descartados”, trouxemos dois produtos textuais abaixo, contendo respostas não muito desenvolvidas pelos estudantes. Das respostas em questão apuramos e utilizamos para análise apenas o perfil do estudante.

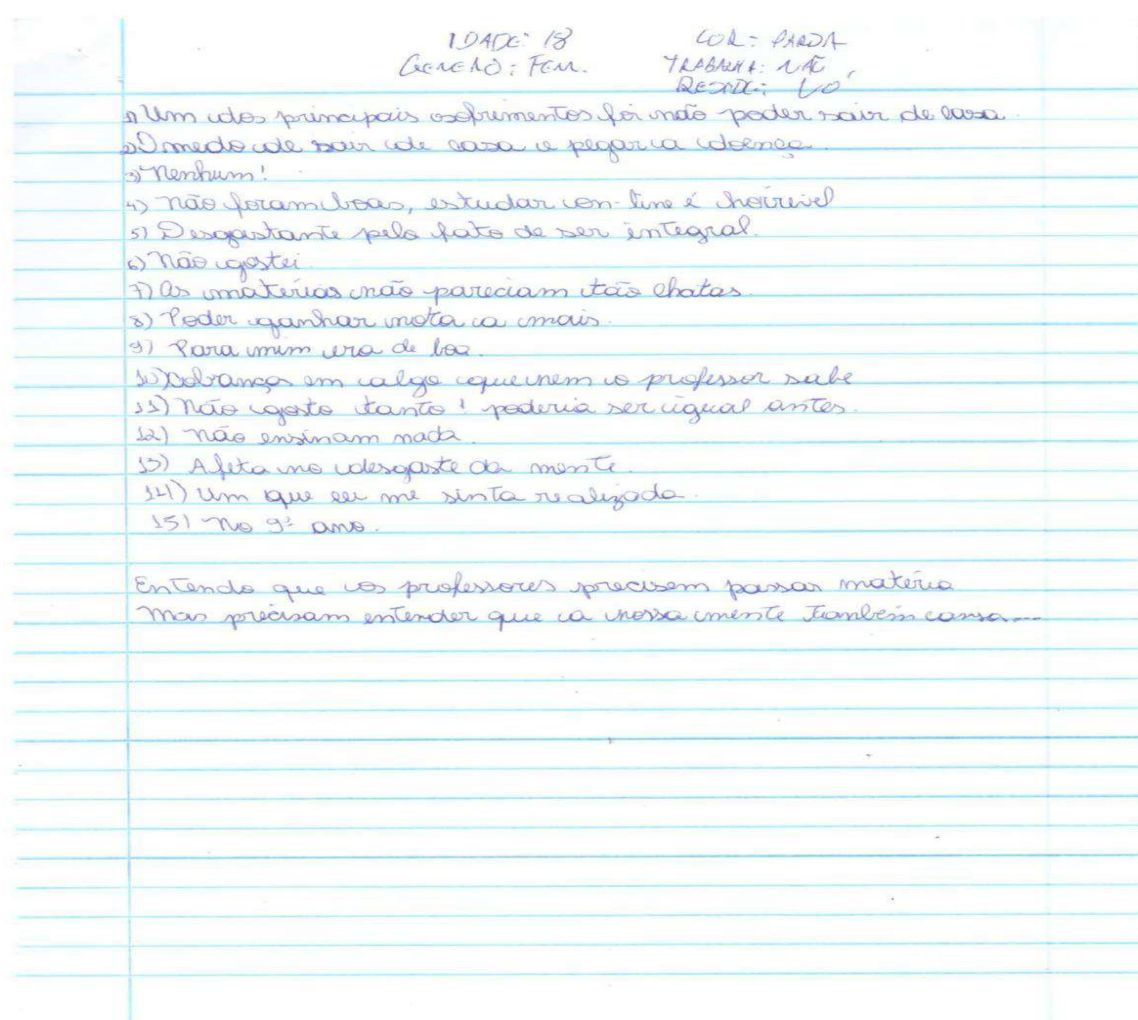


Figura 9: redação redigida por estudante do ensino médio, 18 anos, feminino, parda.

RESIDUO: PMS E IRMÃOS	IDADE: 17 COR: Parda	GÊNERO: F. TRABALHO: N/A
1. Muitas pessoas morreram, ficaram em casa e tiveram sequelas, isolaram.		
2. - parei de estudar, uso de máscara.		
3. - não tive pontos positivos		
4. - mudou para aula online		
5. - a aula online foi horrível		
6. - Está sendo normal		
7. - acho diferente e bom pra quem quer aprender.		
8. - Eu gostava		
9.		

Figura 10: redação redigida por estudante do ensino médio, 17 anos, feminino, parda

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho trouxemos um recorte sobre a juventude em perspectiva com debates críticos a respeito do tema, amplo no aspecto da pesquisa social. De modo geral, versou-se em dialogar sobre várias discussões realizadas acerca da juventude, entrelaçado aos debates que perpassam o contexto escolar, trabalho, geração, gênero, sexualidade, entre outros. Porém, como é perceptível, optamos por trabalhar com um recorte sobre como a pandemia de Covid-19 foi vivenciada pelos estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Érico Veríssimo, em Faxinal -PR.

Trouxemos alguns autores clássicos da sociologia, como Bourdieu, com contribuições valiosas ao nosso entendimento da juventude, abordando noções como capital cultural, social e econômico. O debate do sociólogo francês é fundamental para analisar como as diferentes juventudes enfrentam os desafios educacionais, e também geracional, sobretudo durante um contexto pandêmico, bem como é construída e repleta de disputas a categoria sociológica em questão.

Assim, neste trabalho, consideramos não apenas os conflitos tradicionais, mas também a trama de complexidade presentes nas relações sociais sob perspectiva bourdieusiana, entendendo como os jovens se mobilizam para viver e transitar por esses ambientes e instituições, como família, escola e trabalho. Pierre Bourdieu reforça e argumenta sobre o papel da escola na reprodução das desigualdades sociais. Com isso, a pandemia, nesse contexto, não apenas evidenciou as disparidades preexistentes, argumento que trouxemos ao texto em inúmeras oportunidades, mas também trouxe à tona novas dinâmicas nas quais os jovens tiveram que lidar com desafios adicionais para continuar sua trajetória educacional, como é o caso daqueles jovens do Colégio Estadual Érico Veríssimo (Faxinal-PR) que relataram nas respostas sobre suas experiências durante a crise sanitária terem que estudar, realizar o trabalho doméstico e ainda trabalhar durante esse período.

Outro importante autor que discute a juventude que mobilizamos no trabalho foi Groppo, que argumenta que a compreensão sobre a juventude é abrangente, considerando tanto o sistema social quanto os indivíduos como elementos interconectados e dialéticos. A abordagem de Groppo transcende estereótipos e generalizações, ampliando o entendimento sobre a juventude ao considerar a diversidade de experiências, aspirações e desafios enfrentados pelos jovens em

diferentes contextos sociais e culturais, fato que tem importância e relevância ao trabalho que apresentamos.

É pertinente lembrar que a pandemia de COVID-19 trouxe desafios sem precedentes, deixando impactos significativos em diversas esferas sociais, incluindo a educação e a vida de jovens e profissionais envolvidos na gestão escolar. No contexto brasileiro, a abrupta interrupção das aulas presenciais teve efeitos profundos na aprendizagem dos alunos, gerando consequências a curto e longo prazo. A decisão de suspender as atividades presenciais foi crucial para conter a propagação do vírus e preservar a saúde pública. Contudo, a transição repentina para o ensino remoto apresentou desafios, especialmente para estudantes de comunidades mais vulneráveis, devido à falta de acesso adequado à tecnologia, ou mesmo letramento suficiente sobre como utilizar as ferramentas disponibilizadas. Essa carência acentuou as desigualdades no acesso à educação, impactando significativamente os alunos de menor poder aquisitivo, além de questões envolvendo a saúde mental, a insegurança alimentar, o despejo de moradia, dentre outros.

A interrupção das aulas presenciais afetou uma considerável parcela dos jovens no país. A adaptação para o aprendizado online não foi acessível para todos, como apontam algumas das redações que trouxemos acima, não apenas devido às dificuldades de acesso à internet, mas também devido à necessidade de dedicar mais tempo às responsabilidades familiares e domésticas. Esse desafio foi particularmente acentuado para as jovens mulheres, que assumiram uma carga maior de trabalho não remunerado durante o período de isolamento social, devido à falta de apoio doméstico ou à ausência de lugares como creches/escolas durante a pandemia (Silva e Vaz, 2020, p. 105). Um caso como esse é visível na figura 7, no relato da estudante.

O dilema colocado entre três pontos de interseção, que é juventude, escola e trabalho, se torna evidente, especialmente no contexto dos estudantes da classe trabalhadora, caso que analisamos neste trabalho, que diz respeito aos estudantes de uma escola pública do interior do Paraná. As implicações dessa interconexão exigem uma reflexão profunda sobre as estratégias necessárias para apoiar essa juventude diante dos desafios impostos pela pandemia. Acima, foi possível observar nas respostas de estudantes a evidência do quanto “não aprenderam nada” com o ensino remoto. Esse dado é extremamente relevante e preocupante. Como ficam os

estudantes que sentem o mesmo? Outro relato interessante sobre esse contexto é a chamada de atenção à saúde mental desses estudantes, como relata o jovem na figura 6, sobre suas “angústias” durante o período.

Escrever este trabalho é compor o campo da sociologia da juventude, que abraça uma ampla variedade de temas, englobando desde os movimentos juvenis históricos até os distintos estilos de vida e expressões culturais característicos dessa fase. Essas dimensões são cruciais para uma compreensão abrangente e contextualizada da juventude e de sua relação com a sociedade. Ao explorarmos a sociologia da juventude, é fundamental não apenas examinar os aspectos individuais e subjetivos dessa fase, mas também considerar as relações sociais, estruturas de poder e dinâmicas culturais que moldam a experiência juvenil.

Se voltamos a pensar com Goppo (2010b), como já trouxemos no capítulo 2 desta dissertação, a disseminação da perspectiva que destaca o jovem como sujeito social é evidente diante de alguns autores da sociologia da juventude, como Alain Touraine, que ressalta a importância do sujeito social na moldagem da sociedade, apresentando uma visão que enfatiza o poder de ação e a capacidade de transformação dos jovens. Tomar essa abordagem é crucial para entender a relevância de estudos sobre a juventude no contexto educacional, especialmente diante de um Fato Social Total, como foi a pandemia de Covid-19. Ao trazer o relato dos jovens do município de Faxinal-PR ao texto, buscamos dar espaço à essa importância do sujeito social constituído na juventude, que passou por uma transformação cheia de altos e baixos ao longo da pandemia, principalmente na adoção do modelo educacional.

Ainda sobre a categoria juventude, é crucial notar que as discussões teóricas abrangem uma variedade de aspectos, indo além do que autores como Goppo abordou. Diversas teorias e perspectivas contribuem para a compreensão dessa fase da vida, incluindo enfoques que destacam a construção social das identidades juvenis, os processos de transição para a vida adulta, a relação entre juventude e políticas públicas, entre outros temas. A sociologia da juventude é enriquecida por uma ampla gama de abordagens teóricas que oferecem miríades diversas sobre esse fenômeno social complexo. O que buscamos com esse trabalho é apenas oferecer mais uma delas.

Esperamos que esta pesquisa não só acrescente conhecimento ao campo da sociologia juvenil, mas também inspire ações e políticas que considerem as

necessidades e aspirações desses jovens em tempos de crise. Mais do que nunca, a compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e educacionais é essencial para orientar intervenções e políticas públicas que promovam a equidade e o desenvolvimento pleno da juventude em contextos desafiadores como o que vivenciamos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carla C. **Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo**. Ipea. mercado de trabalho | 37 | nov. 2008.
- ANGELO, Talytha C.; COSTA, Rafael, M. **Projetar a vida na pandemia: desafios da comunidade escolar em tempos de exceção**. Cadernos UniFOA, Volta Redonda (RJ), v. 17, n. 49, p. 111-121, ago., 2022.
- ARAÚJO, Jurandir de Almeida. **Violência, Racismo e Mídia: a juventude negra em situação de risco**. Revista InSURgência | Brasília | ano 1 | v.1 | n.2 | 2015 | ISSN 2447-6684. p. 462-482.
- BECKER, Howard S. 2008 [1963]. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- CAVALCANTI CHAVES, J.; LOUBACK, J.; CARNEIRO, C. **Pandemia de covid-19 e fechamento das escolas: impactos na saúde mental e perspectivas de futuro de adolescentes e jovens**. Revista Cocar, [S. l.], n. 16, 2023.
- COHEN, Albert K. **Delinquent Boys: The Culture of the Gang**. Glencoe: The Free Press, 1955.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CORROCHANO, Maria C.; ABRAMO, Laís W. **Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.22, n.47, p. 110-129, jan./abr. 2016.
- CORROCHANO, Maria C.; OLIVEIRA, Caíque. **Juventude e trabalho na pandemia de covid-19: A experiência dos “bike-entregadores” de aplicativos de delivery**. Revista Princípios, Nº 166, Jan/Abril 2023.
- CORTILHO, Gabriel C. **A experiência dos estudantes na pandemia de covid-19 e a categoria sociológica de juventudes: entre o mal-estar coletivo e o “novo normal”**. Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional (POLIGES) - UESB-Itapetinga. ISSN: 2763-5716 – Ano 2023, vol. 4, n.1 , jan. – jun. de 2023.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 1105.
- DAYRELL, Juarez. **Juventude e escola (relação juventude e escola)**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.24, pp.40-52. ISSN 1413-2478.

DIAS, Érika; RAMOS, Mozart N. **A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.30, n.117, p. 859-870, out./dez. 2022. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539.

FETTERMANN, Joyce; TAMARIZ, Annabell Dell Real. **Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação**. : Linguagem e Tecnologia | Belo Horizonte | v.14 | n.1 | e24941| 2021.

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo, Livraria Pioneira. 1972.

FORACCHI, M.M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.

GROPPO, L. **A Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes**. Última Década, n.33, p.11-26, Dez. 2010.

GROPPO, L. A. **Introdução à Sociologia da Juventude** / Luís Antonio Groppo – Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, L. A. **Juventudes**: sociologia, cultura e movimentos: Universidade Federal de Alfenas Alfenas-MG, 2016a.

GROPPO, L. A. **Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo**. Pol. Públ., São Luís, v. 20, n 1, p. 383-402, jan./jun. 2016b.

GROPPO, L. **Juventudes e políticas públicas**: comentários sobre as concepções sociológicas da juventude. Densidades vol.14 Rio de Janeiro mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Brasil - Paraná - **Cidades Rio de Janeiro**: IBGE, 2021. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/faxinal/panorama>. Acesso em: 4 de setembro de 2023.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo, 1997.

MAGALHÃES, Rodrigo C. da S. **Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez. 2021, p.1263-1267.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976 [1929].

MELO, Luciana C. M. de; SOUZA, Gilmara S; DAYRELL, **Juarez T. Escola e juventude: uma relação possível?** Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 9 n.12 p. 161-186 jan./jun. 2012.

MENDES, Karine K. de S. F.; GUIMARÃES, Jairo de C. **Precarização do trabalho e juventude: uma análise sobre a realidade laboral face à pandemia da COVID-19** O Social em Questão, vol. 1, núm. 53, 2022, Mayo-Julio, pp. 277-300 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio De Janeiro, Brasil.

NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO. **Núcleo Regional de Educação de Apucarana.** Online, 2023. Disponível em: <https://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=524>. Acesso em 4 de setembro de 2023.

OLIVEIRA, Jonas H. **Sociologia, juventude e educação: dilemas, problemas e desafios.** Revista Movimentação v.03, n.04, pp. 01-18, 2016.

PAIS, José Machado, **A construção Sociológica da Juventude - Alguns Contributos**, 1990.

REZENDE, Maria José de. As Percepções Sociais de Estudantes do Ensino Médio de uma Pequena Cidade Paranaense: Uma Leitura Sociológica de Suas Experiências Vividas. In: **Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa /** organizador Ileizi Luciana Fiorelli Silva...[et al.]. – Londrina : UEL; SET-PR, 2009. 453 p. : il.

RIBEIRO, Ana Elisa (2021). **Educação e tecnologias digitais na pandemia: ciclos da precariedade.** Cadernos de Linguística, v. 2, n. 1, p. 01-16.

RIBEIRO, Rejane A; PULINO, Lúcia H. C. Z. Outubro, 2016, Brasil - **As ocupações de escolas brasileiras da rede pública pelos secundaristas: contextualização e caracterização.** Psicologia Política. vol. 19. nº 45. pp. 286-300. mai-ago. 2019.

SILVA, Enid R. A; VAZ, Fábio M. **Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da covid-19 no brasil.** Mercado de trabalho | 70 | setembro 2020.

STAHLHOEFER, Jean Felipe de Bona. **Juventude faxinalense : dinâmicas territoriais e retenção no campo.** Dissertação de mestrado, 2019. Universidade Estadual de Maringá.

SPOSITO, Marília. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas /** Marília Pontes Sposito. – São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, Marília; ALMEIDA, Elmir de; TÁRABOLA, Felipe de Souza. **Jovens do Ensino Médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional.** ESTUDOS AVANÇADOS 34 (99), 2020.

WEISHEIMER, Nilson. **Marialice Foracchi e a Formação da Sociologia da Juventude no Brasil.** 39º Encontro Anual da Anpocs, 2015.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.| 2021. 555, set/dez. 2004.

## APÊNDICES

### QUESTÃO DISSERTATIVA A SER APLICADA AOS ESTUDANTES

Dados Pessoais

Idade:

Gênero:

Cor:

Trabalha:

Com quem reside:

**Imaginando que você fosse realizar um documentário sobre COMO VOCÊ VIVEU A PANDEMIA em sua casa, no trabalho e na escola, escreva ou relate:**

Quais seriam os principais sofrimentos que você relataria sobre esse período? Quais seriam os principais conflitos que você viveu? Quais seriam os pontos positivos sobre a pandemia, se eles existirem? Como você sentiu as mudanças no colégio? E no estudo a distância? Como está sendo viver a mudança do novo ensino médio? Aproveite e conte um pouco sobre o que tem estudado esse ano. O que você pensa e como avalia as plataformas online na educação? Estudos dirigidos, aulas gravadas? Como você considera que essas mudanças afetarão a formação para o trabalho? Que tipo de trabalho você deseja um dia encontrar? Em que série ou ano do colégio você estava no período da pandemia de Covid-19?

Caso deseje, fique à vontade para acrescentar outras informações ou memórias que achar pertinente em seu relato ou escrita.

## **ANEXOS**

Apresentamos nos anexos todas as respostas coletadas pela proposta metodológica entre os estudantes do 2º e 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Érico Veríssimo, Faxinal-PR. As figuras só contarão com a identificação da própria imagem, a partir dos dados sobre marcadores sociais da diferença dos participantes.

## Baunio do Sentos

IDADE: 18

COPI: PARDA

G: MASC

TRABALHO: AGRICULTOR

RESIDE: COM A FAMÍLIA

A pandemia afetou a vida de muitas pessoas de maneira tanto financeiramente como emocionalmente com a perda de seus entes queridos, não foi diferente com o resto do mundo que também sofreu com a pandemia.

Como muitas famílias a minha família também foi atingida pelas consequências da pandemia, por conta do distanciamento social meu pai que é o provedor da família acabou perdendo o seu emprego e ele não fosse pela ajuda do governo e das administrações dos recursos públicos poderiam passar por esse momento difícil.

A educação é uma área que foi bastante afetada e suas consequências podem ser sentidas ainda hoje, foi muito complicado, o ensino a distância pois nem todos os alunos tinham acesso aos conteúdos divulgados sendo assim passaram de ano sendo muitos que não aprenderam.

As aplicativos disponibilizados pelo governo da época foram muito bons que dá respeito a aprendizagem e guardar de assim conhecimento aos seus usuários.

Não foi fácil mas o Brasil superou a pandemia melhor até mesmo que outros países, mas infelizmente o país sofreu uma lavagem cerebral por meio da mídia que fez um analfabeta

Leorisoni Moraes 3ºA

17 anos, mulher, branca

Logista

Resido com a mãe e o pai biológicos

Quando anunciaram o início da pandemia, eu e minha família tínhamos acabado de alugar uma loja, que provavelmente teríamos sido obrigados a fechar. Porém, meu pai iniciou uma pequena fábrica de máscaras, que conseguiu manter isso e a loja da minha mãe aberta.

Nessa época ainda morávamos eu, meu pai, minha mãe e minha avó mais velha, e (dentro das regras de isolamento e higiene), continuamos trabalhando normalmente, eu com meu pai na fábrica, e minha avó com a minha mãe na loja.

Eu no geral, não estudei na pandemia, não entendi nas vídeo aulas e só fiz as tarefas nos fins de semana, eu e minha avó às vezes chamávamos 2 ou 3 amigos pra ver filmes, o único benefício que recebi na pandemia foi perder o medo de mudar a minha aparência e, graças a saber que não seria "quada" por isso comecei a fazer conteúdo no Instagram, além do principal, aprofundar minha opinião política.

No geral, não me adaptei nada as aulas on-line só até hoje pela falta das aulas presenciais somada a minha irresponsabilidade sobre isso não peguei o covid nem perdi ninguém tão próximo mas me arreletei por cada vítima que poderia ter sido salva

Eu estava no 9º ano quando começou e no 2º quando terminou, que eu saiba, não fui contagiada.

A pandemia mudou minha vida, no entanto, mas atualmente, ela continua como se nunca tivesse acontecido.

IDADE: 18

COR: BRUNO

RESID: SUBURB

CENSO: M

TRABALHO: SIM

A pandemia veio de nada ninguém estava esperando por algo assim com tanta propagação teve muitos mortos de pessoas próximas e de fora foi um ano muito difícil para todos tivemos que ficar trancado dentro de casa para não ser contagiado pelo vírus muitas pessoas nessa período entraram em depressão de mataram desistiram da vida, mas e aqueles que sabem tivemos que ser parentes menos pessoas que amamos ir em fora e sem podiamos se despedir, isso foi um golpe para todos tivemos que ficar sem estudar sem ver amigos colegas pessoas especiais mas tem um parte que os famílias ficaram juntos aproveitaram o tempo fazendo coisas legais.

Uma coisa ou sei que esse pandemia ensinou muitas coisas descobrimos coisas nos deixaram esperanças solididade se próximo e próximo tempo fizemos amigos virtuais pelo celular,

IDADE: 17  
GÊNERO: F

COR: BRANCA  
TRABALHA: SIM

RESIDE: C/PAIS

Com a pandemia ocorreu a 2 anos atrás, foi um momento de muito sofrimento, tristeza e de perdas, foi um vírus que veio e acabou deixando pessoas com sequelas, acabou matando pessoas e por mais irônico que pareça veio para trazer algum aprendizado, onde nossa vida não vemos nada, e que a qualquer momento pode acontecer coisas que não esperamos.

Nesse tempo tivemos que viver isolados, sem visitar pessoas próximas, sem poder sair pra comemorar datas especiais, e quando fomos sair de casa tinha que usar de máscara e com álcool em gel na mão por cuidados e por medo de contrair o vírus.

Nesse de não poder aglomerar tivemos que inventar algo onde os alunos podiam ter "aulas". Com isso passamos bem até o momento sem nenhuma perda ou tristeza. Estava no 9º ano e hoje estou no 3º ano e com medo desse vírus voltar e acabar sendo um deficiente de novo.

IDADE: 18

COR: PARDA

RESIDE: C/AVÓ

GÊNERO: F

TRABALHA: sim

Os principais sentimentos foram ter que ficar longe dos parentes e amigos, na minha família temos muitos por medo da minha mãe ser de cidade e pegar os vírus nisso tudo não sei nada de portaria, no colégio eu senti muito um apedregamento, não consegui aprender muita a distância, e agora estou me adaptando sobre o novo ensino médio, estudamos sobre o sistema paralelo entre outros, as plataformas são boas se falta atenção de cada, afetarão na divulgação entre outros, encontra enfermagem e estava no 9º ano.

IDADE: 17  
TRABALHA: SIM

GÊNERO: MASCULINO. MOLTA:  
COR: BRANCA C/PATL

Em meados de Janeiro de 2020, já era iniciado sobre as notícias de uma nova doença. Transmissão Chamada: "COVID 19". No início poucas pessoas de importância com a real ameaça que estava. A ser combatida em breve. Meu pai perdeu o emprego por conta disso, mas não foi muito impactante. De mudanças por o tempo onde vivi muitos "Aventuras", ao lado do meu fiel companheiro, REX. Enfim, comecei também a estudar por meio do material impresso, mas antes disso fiquei em dúvida sobre qual meio utilizar, se era conveniente pela "TV" o material impresso. As aulas retornaram no fim do ano e logo se mudou para a cidade para estudar e trabalhar...

em resumo sobre as aulas.

Como não tivemos muita interação inicial e a falta de informação perdemos "muitas coisas" em consequência. Após retornar para o boot. presencial houve muito animo por parte dos alunos, quanto para os materiais de trabalho.

O Aprendizado veio e muitos nesse meio tempo, e se os fatos do isolamento aumentaram bastante. De uma forma Repetitiva e curso

ELICO  
VER: 5/2020

ASS: Gustavo Bruno de Almeida  
NOTURNO

IDNEX: 17

COA: PANDA

GÊNERO: FEMININO

TRABALHO: VENDEDORA LOJA LANCAS,  
RESIDE: COM A MÃE E A AVÓ

A pandemia chegou <sup>no</sup> momento exato  
 todos ~~est~~ estavam no momento de lucros  
 acima de lucros ficou com dois anos  
 por isso deixei um pequeno grande  
~~pequeno~~ mundo inteiro.  
 e por que milhares de pessoas mor-  
 teram, pessoas, jovens, crianças, idos-  
 sos e muito gente que pegou não  
 aguentou. Perdi gente que gostava  
 e nem pude me despedir, mas por isso  
 fizia aulas on-line foi uma experiência  
 horrível, mas no meio de tudo eu saí  
 e peguei a Covid passei pelo mundo no  
 alto estava com esse cheque sem saber  
 quando descolá-lo foi um cheque  
 para todos, mas agora ele tá lá  
 de novo, e foi assim a minha  
 pandemia.

IDADE: 17

COR: BRANCO

RESID: COM PAIS

GÊNERO: M

TÍTULO: PLANTIO PMATC

1. Os principais sofrimentos foram o tempo de casa na minha família e de não poder sair de casa.
2. Os conflitos foi quando eu peguei o vírus e passei muito mal e isolados de todos.
3. Minha postura foi eu ter junto com minha família no site.
4. As mudanças pesaram bastante depois de termina da pandemia.
5. O estudo a distância foi meio complicado devido as dificuldades de aprender.
6. A mudança está sendo normal para mim estou me acostumando bem.
7. Eu tenho estudado muitas diversas coisas e revisões dos outros anos.
8. As plataformas online está facilitando muito com as novas atividades quizzes etc.
9. Afetaram o trabalho porque reduziu os preços dos produtos por exemplo, verduras de agricultores e outros.
10. Quero trabalhar no meu emprego de hoje em dia mesmo isso é um bom salário, mas quero ser dona das minhas próprias estufas e terras.

11. No início da pandemia eu estava no 8º ano, e voltei para escola presencial no fim do 1º ano.

Colégio Ercio Vesicissimo

Clube Eld's Clipes

Item 3ºA

No começo foi tudo muito interessante  
um curso singular no planeta Terra  
tudo tivemos muito medo. Não tive  
pontos positivos nesta época, no colégio  
fizemos muito testes e em  
menos de um mês já paramos  
de estudar. No entanto as aulas online  
eram muito interessantes então ninguém  
desistiu.

Estudamos muitas fórmulas em  
matemática em Português fizemos  
redações filosofia sobre ética  
química reações químicas etc.

Devido as plataformas online  
fazem testes para ganhar nota  
e além disso trazem um  
grande desempenho aos alunos.

Em questão não acho que era  
afetar em nada. De tudo ocorreu  
no meu plano quase está na  
estrada daqui um ano com o  
caminhão.

Quando conheci o curso 19 em  
me encontra no 9º ano (2020)

IDADE: 18

Gênero: M

COR: PAULA

TABELA: SÉRIAS  
GENS

Com quem ACRISE: ESTOJA

No início da epidemia em março de 2020, foi muito difícil para nós brasileiros, foi muito rápido e vírus se espalhou muito fácil, no começo foi muito difícil sem poder trabalhar, os comerciantes sofreu com os seus comércio, os alunos sofreu também dificuldades, foi muito difícil para quem muitas coisas me prejudicou com os estudos, trabalho, não só para mim também. mas ai foi passando o ano e foi ficando, muito difícil, sem muito estudos, sem poder ir as aulas não dava certo aulas online, prejudicou muito os estudos, no início de 2023 em abril, peguei a gripe de 19, fiquei 45 dias deitado dentro do quarto e sem ver aulas porque não conseguia focar nos estudos, isso também foi muito triste, morreram mais de 600 mil pessoas, família, amigos, parentes etc. a pandemia para mim foi para mim, em momento muito difícil para minha família, minha mãe trabalhava na linha de frente do covid, era difícil porque a gente não podia chegar perto dela, isso foi muito complicado, perdi 3 amigos na pandemia, então a pandemia, só chegou para mães e deixar pessoas no hospital, e foi muito complicado e ficou muito ruim sem escola.

IDADE: 17

COR: PARDA

GÊNERO: MASCULINO

TRABALHO: PINTOR

RESIDE: SOB/HTO

O principal sofrimento nesse período foi o alheamento, pois era difícil de não se alhearem com determinadas situações, os principais conflitos foram a dificuldade financeira na época, não faltou nada com alimentos, remédios, produtos de higiene, mas não teve como esbanjar dinheiro com tal crise.

A pandemia na época me proporcionou uma parte de emprego na área da pintura, no final da pandemia cantei minha atual namorada e comecei frequentar a igreja onde estou até hoje, de coleção tive mandamentos sim! A Princesa fez o novo cenário médio e atividades online, mas na pandemia não fiz nada online, fiz aulas com atividades empurradas, foi este ano tá melhor pois voltou ao normal.

Eu deixei me tornar um grande empregador na parte das pinturas.

É a lei que eu estava quando começou a pandemia era 9º ano.

Nome: Oloiza Aparecida dos Santos Pereira

Idade: 37 Anos

Gênero: Feminino

Cor: Branca

Trabalha: Não

Com quem reside: Pai, mãe, irmã

No começo da pandemia foi um choque pelo o vírus desconhecido, que matava milhões de pessoas onde passava, parando o mundo todo.

No meu caso, parei de ir ao colégio e comecei a estudar pelo meet, passava o dia limpando a casa e fregando... Evitando o máximo sair de casa.

Nesse período existiu muitas mortes no mundo todo. Felizmente na minha família não teve nem uma, porém existindo uma dificuldade enorme em não sair de casa e esse desconectando de nossos altos carinhos de: abraços, beijos, sair festiva...

Verdo assim a pandemia foi um acontecimento muito triste, entretanto nesse meio tempo conseguimos ficar mais tempo com quem amamos e moramos juntos.

Com isso tudo o colégio teria que achar alguma forma para chegar (se-quer dizer) aos seus alunos oferecendo o conhecimento, incentivando aulas on-line que foi no meu caso, vender uma conclusão de estudo com pouco autorre... Sendo que num uma tecnologia seria boa e suficiente para entrar no lugar dos professores e oferecendo um grande índice de insucesso como

no decorrer desse tempo.

Nos dias de hoje está muito melhor com os alunos em sala com os professores, porém algumas plataformas não ajudam muito oferecendo grandes dificuldades para professores e alunos sem rede Wi-Fi ou aparelhos apropriados não conseguindo acesso a aulas on-line ou gravadas no site, oferecendo pouca informação a quem está ali com o propósito de aprender.

No tempo de agora estou no 3º ano, me passando o tempo muito rápido desde da entrada da pandemia ao meu 3º ano; conseguindo melhor aprendizagem nos colégios que eu passei e me abrindo portas para meu futuro em administração bancária; conseguindo me estabilizar futuramente.

17 anos  
feminino  
pardo  
sim  
com os meus pais

O aprendizado ruim, a qualidade de estudo diminuiu muito, o que dificultou o aprendizado. A falta de convivência com pessoas fora de casa e a distância daqueles que estávamos acostumados a estar juntos.

O ponto positivo foi que pude passar mais tempo com minha família. Senti a mudança quando tivemos que interromper as aulas e aplicar o estudo a distância, o estudo a distância foi complicado, já que a dificuldade de aprendizado era maior e muitas vezes a internet não ajudava a estudar. Para mim a mudança do novo ensino médio tem os seus lados bom e o seu lado ruim, temos mais tempo para estudar e estar na escola, porém não temos tempo para trabalhar ou fazer cursos fora da escola, o que acaba dificultando a vida do adolescente.

Tenho apenas um currículo e as únicas coisas que mudam nele são os cursos, pois tenho que adicionar uns a mais nele. As plataformas podem ser muito úteis, porém, ajuda para que os alunos não façam nada na sala de aula e alguns nem acaba piorando o ensino dos professores.

Aulas gravadas e estudos dirigidos são bons, porém quando temos dúvidas sobre a matéria é difícil de tirá-las, já que não temos um professor presente.

Considere que essas mudanças podem afetar na formação de profissionais, pois com a criação de sites, ai ficou mais fácil lidar em trabalhos e provas; assim o aluno não aprende e pode se tornar um mal profissional e não saber de nada, mesmo encontrando um trabalho onde seja valorizado dos funcionários e cuidados com ele, estava no 8º e 9º ano do ensino fundamental.

Quando voltei para o presencial e entrei no primeiro ano as coisas se complicaram, já que as aulas adicionais do curso de administração era online e não aprendíamos nada com elas, o que resultou em vários notas baixas e falta de aprendizagem da sala toda. Tivemos que estudar por fora das aulas para aprender algo.

Idade: 17

Gênero: feminino

Cor: bronze

Trabalha: Baba

Com quem reside: mãe, irmã, padasto.

Qual seria os principais defrimentos relatados?

Ticar distante das pessoas, colocar em risco vida de todos, solidão, ansiedade e etc.

Quais seriam os principais conflitos que você vive? Vários familiares desentendo sobre o vírus, e os vizinhos, a respeito dos efeitos laterais.

Quais seriam os pontos positivos, se existissem?

Na minha opinião foi ter mais tempo com o pessoal de casa, mas não foram muitos pontos positivos nesse caos que vivamos no mundo inteiro.

Como você sentiu as mudanças no colégio?

Primeiro que no começo passamos a fazer aulas online, nada fácil, depois de um tempo retornamos a ir pro colégio, mas mesmo assim tinhamos que ter cuidado, a distância dos colegas, não dividir lanche ou materiais, usar máscara e por várias outras coisas.

No Estudo A distância foi bem difícil no começo de adaptar online, mais depois acustumei.

Como está sendo lidar a mudança do novo Ensino médio? Na minha opinião, mudou bastante no ensino e aprendizagem, mas é bem mudar um pouco a maneira de aprender e também aprender coisas novas.

Sobre o currículo? O que você mais gosta? Da do antigo currículo não tenho muito o que dizer sobre o currículo antigo pois alguns usam sem graça, mas o que importa é o conteúdo e nem sempre as aprendizas.

É do novo currículo? Os currículos de hoje em dia, tem uns que tem mais cor, mais conteúdo e alguns podem ser até pela internet. O que você pensa e que avalia as plataformas na educação?



27.10.23

Algumas plataformas são bem, legais de usar, as outras são complicadas, na minha opinião preferia a forma antiga de Aprender, preferia fazer cartões, projetos ou trabalhos mesmo, hoje em dia é bem mais complicado.

Estudos Dirigidos, aulas gravadas, sobre o estudo dirigidos, e bem ter alguém acompanhando nossa aprendizagem, e ter aulas gravadas em algumas situações e bem fazer outras não. Como condicionar a que essa mudança afetaria a formação para o trabalho, depende, muitas mudanças afetaria no início, mais depois acostumamos com as mudanças.

Que tipo de trabalho que você deseja um dia encontrar? desejo trabalhar em algo que me interesse, não ficar cansada ou esquecida, trabalharia por anos na mesma coisa, gosto de meir com pessoas, exemplo na área de psicologia ou Administração ou até professor.

Em que seria eu como você estava, no tempo da pandemia?

Estava no 9.º ano, finalizado de 2021.

IDADE: 19

TRABALHA: SIM

C: F

COR: BRANCA

RESID: PAÍS

A pandemia transformou a minha vida no aspecto de ir para a escola, sair, visitar minha família que mora em outro estado, o maior conflito foi ficar longe das pessoas por tanto tempo, mas a preocupação maior que seria se contornar, perder algum familiar ou amigos não aconteceu comigo. Voltar para a escola foi algo novo, pois tudo tinha mudado, e mesmo a distância era um caos, depender de internet muitas vezes não é fácil mas superamos tudo isso e atualmente estou concluindo a 4ª série de Farmácia de Docentes. O novo ensino médio não afetou quem está saindo do curso então não temo o que dizer sobre, mas acredito que plataformas digitais podem contribuir para aulas mais produtivas, não discorde as aulas somente em teoria. Pretendo um dia encontrar um trabalho que eu me identifique e faça algo que seja bom pra mim e para as pessoas com quem vou trabalhar, encontrar em meu caminho, etc.

M

IDADE: 18

RESIDE: PAIS E IRMÃ

C: FCM

TRABALHA: SIM

No começo da pandemia foi muito difícil, pois era tudo muito novo, uma coisa que nunca havia visto antes, várias coisas mudaram e com isso alguns conflitos, por exemplo aprender a conviver distante.

Mudanças aconteceram na escola, no trabalho e principalmente na família, perdendo muitos integrantes dela, foi uma época muito difícil. O estudo a distância foi complicado, muitos alunos desistiram de estudar e as plataformas novas tiveram bom proveito.

A pandemia teve grande efeito na aprendizagem e com isso trouxe consequências negativas.

IDADE: 18

G: F  
COR: BRANCA

TRABALHO: SIM

RESID: MÃE  
PENSÃO  
RUA

- Eu fiquei sem estudar, principal conflito.
- Ponto positivo da pandemia para sociedade em si, é que o ser humano pode compreender a necessidade um do outro (necessidade de médicos, de repórter, de ajuda humanitária, da necessidade de uma convivência social), além de ter sido um vítima feito para a natureza, pois o ambiente ficou muito menos poluído.
- me afetou bastante, Ead, não compatível (na época) com minha realidade, não tinha computadores.
- Não peguei o NEM.
- Estive estudando bastante plano de aula.
- As plataformas são ruins, manipulam a aprendizagem e a escrita do aluno, e não acrescenta muito na vida do estudante.
- Aulas gravadas devem ser aulas "de reforço", não a aula protagonista, pois em uma aula protagonista o aluno deve se comunicar com o professor.
- Quando a pandemia começou, fiquei de fev. 2020 até ago. 2021 sem vir a escola.

M

IDADE: 18

COR: BRUNTA

GÊNERO: F:

TRABALHA: SIM

RESIDE: CIA MÃE

Comeco da pandemia capotou de preocupada estava tranquila, não sabia de coisa, tentava qualquer coisa, por ser de grupo de risco.

Depois de um tempo comeca trabalhar para ajudar na morte, depois de um tempo trabalhando acabou perdendo meu pai e meu tio e que me afetou bastante.

Em questão de escola sinto que tive pois vários perdidos e que poderia ter aprendido bem mais.

Depois consegui um trabalho na minha área da faculdade.

No começo da pandemia estava em 1ª série de Formação de Docentes e "acabou" no final da 2ª série.

M

IDADE: 19  
AC: não tem  
COR: Preto

TRABALHA: SIM  
RESIDE: Mãe

É a pandemia que ocorreu no mundo em 2020,  
teve um impacto muito grande na vida das pessoas,  
a pandemia me causou muitos sofrimentos,  
mas também tive que me adaptar, estudar  
com o método online, que tornou a vida dos alunos  
muito ~~difícil~~ difícil, fazendo com que aumentasse  
a ansiedade das pessoas.

Em relação ao primeiro semestre de 2020,  
com o passar do tempo, tudo foi voltando para  
o método normal.

M

IDADE: 16  
 Gênero: MASCULINO  
 COI: B. 1001

TRABALHO: N/A  
 RESID: A. 1001

(Falta de consideração com pessoas, aumento na ansiedade)  
 Data: ~~11/10/20~~

- Aumento de ansiedade
- Não poder sair de casa
- Ficar em casa
- Fiquei mais desprovido de inteligência.
- Muito exaustivo
- Não lembro de quase ~~nenhuma~~ coisa.
- Boa
- Afetado gravemente.
- Certo?
- 9º ano

IDADE: 17  
 Gênero: MASCULINO  
 CID: PRCTO

TRABALHO: NÃO  
 RESID: PAÍS

- 1 - A morte de familiares, paralisção global
- 2 - Medo de sair de casa
- 3 - Nenhum
- 4 - Não senti nada
- 5 - Foi horrível
- 6 - Não curso o meu ensino médio, mas faço o integral
- 7 - Não gosto
- 8 - Meu perigo
- 9 - Não gosto de nada
- 10 - Estudar
- 11 - ficar o dia inteiro na escola
- 12 - Socas lentas e travadas e mal otimizadas
- 13 - Mal explicadas
- 14 - Afeta no desgaste ~~mental~~ mental
- 15 - Uma garrafa bastante, mas que eu amo
- 16 - 9º

IDADE: 17  
Gênero: Masculino

COL: Pôrto  
TRABALHO: NÃO  
RESIDE: MÃE

O maior sofrimento foi o medo de ser contaminado ou parentes e conhecidos tenham se contaminado pela covid. De adaptar a pandemia foi o maior desafio. As mudanças no colégio foram difíceis. Foi difícil de adaptar ao novo método de ensino. Está sendo uma experiência única, a nova forma de educação é um fato diferente de aprender no entanto é um bom método.

IDADE: 18  
GÊNERO: FEMININO

COR: BRANCA RESIDE: C/VO  
TABUETA: NÃO

- 1- Fica sem sair de casa e usa máscara diariamente
- 2- Gostaria de fazer as mesmas coisas em casa
- 3- Não teve pontos positivos
- 4- Muito ruim pois ficou muito cansativo no final do dia e temalém é muito covido por ser integral de ter aumentado os aulas
- 5- Não estudo a distância mas era ruim mas amava de mais estudar pelo celular
- 6- Meio termo, um dia de bom de mais no outro je de ruim de mais
- 7- muitas coisas porém não lembro detalhadamente
- 8- muito ruim, pois ~~mesa~~ nem todos os alunos estudam corretamente
- 9- de todas as formas porque afeto muito na aprendizagem
- 10- médicos / enfermeiros / farmacêuticos
- 11- 9º ano (2020)

IDADE: 17 ANOS  
 GÊNERO: FEMININO  
 COR: PARDA

TRABALHO: N/A  
 RESID: COM PAIS

1. Os principais sentimentos foram não ter uma vida social e pressão psicológica e vontade de morrer.
2. Ficam longe de quem eu amo.
3. muito tempo livre.
4. Eu me senti horrível com a máscara (sensação de sufoco) além de ter que usar álcool nas mãos toda hora.
5. Não conseguia me concentrar e não aprendi nada.
6. Não fazemos parte de nenhuma mídia.
7. ? não tenho.
8. Ter muito período
9. Muitas aulas de uma matéria repetida.
10. PPM e EO acho uma perda de tempo.
11. ~~acho~~ acho muito cansativo, muita tarefa para pouca nota.
12. Não entendi nada e poucos professores passam hoje em dia.

13 - Cifeta ma comunicacão com outras pessoas

14 - Queria trabalhar com a enfermagem.

15 - 9º ano.

IDADE: 17 ANOS  
 GÊNERO: FEMININO  
 COA: PAUTA

TRABALHO: N/A  
 RESID: C/PAIS

- 1- Os principais sofrimentos foram:  
 não poder sair de casa e não ver os bestas.
- 2- Ter pegado covid
- 3- Pode dormir até a hora que se queria
- 4- Eu senti que fui muito ruim, porque tinha que usar máscara.
- 5- Não aprendi nada nas aulas online
- 6- não fazemos parte do novo ensino médio
- 7- ? = não temos
- 8- ser no meio período
- 9- muitas matérias em umas aulas repetidas
- 10- preparação pós médio e estudo orientado uma pequena  
 de tempo
- 11- horríveis, acho muito cansativo, muita tarefa pro  
 pouco nota
- 12- não entendi e poucas professoras passam logo em dia
- 13- afeta na comunicação
- 14- trabalhar como advogado



IDADE: 17 ANOS  
GÊNERO: FEMININO  
COR: BRANCA

TRABALHA: NÃO  
RESIDE: C/ PAIS

- ① Os principais experimentos fei; eu perder um ente querido e não poder usar de casa novamente.
- ② Eu ter fugado cedo, e ficar longe da família.
- ③ ter um tempo entre.
- ④ eu senti que fei muito ruim, pelo fato de ter que usar máscaras e todos os dias.
- ⑤ não conseguia me concentrar nos aulas online.
- ⑥ não fazer parte de nada mesmo médico.
- ⑦ não temer.
- ⑧ ser só mais perdido.
- ⑨ muitos aulas de uma matéria repetida.
- ⑩ repetição dos médicos e estudos orientado, acho uma perda de tempo.
- ⑪ liho muito conteúdo e muita tarefa para pouco nota.
- ⑫ não entendo nada, e os professores não usam eles hoje em dia.
- ⑬ falta muito na comunicação.

14) trabalhar como médica

15) ~~trabalhar~~ ser estada no 3º ano

IDADE: 18  
GÊNERO: FEMININO

COA: PARDA  
TRABALHA: NÃO  
RESIDE EM OS PAÍS

- 1) A perda de familiares, o eselamento, a falta de alimentos nos mercados.
- 2) O modo de como acontecer entre algum próximo
- 3) não tem
- 4) Estranho pelo fato de estar todo mundo afastado
- 5) no estudo online foi difícil para se concentrar
- 6) Eu não participei de nenhum ensaio médico
- 7) não tem
- 8) O hierarquia
- 9) Algumas mais feitas nas praticas
- 10) nada
- 11) muito cansativo, várias aulas seguidas
- 12) Algumas boa e outras ruins
- 13) Acho necessário por ser forma de explicações diferente
- 14) não ter tempo suficiente para trabalhar

15) Um trabalho que eu goste e me de super  
bem e que ganhe bem financeiramente

16) Estava no 3°

IDADE: 17  
 GÊNERO: FEMININO  
 COR: BRANCA

TRABALHA: NFO  
 RESIDE: C/OS PAIS

1) Os principais sentimentos? *ansiedade, solidão, tristeza*  
 A falta dos outros queridos, o isolamento, o estudo  
 a distância e ficar longe dos amigos.

2) Principais conflitos?  
 O isolamento, ficar todo mundo juntos dentro de casa,  
 e minha família ter pegado covid.

3) Pontos positivos?  
 Me aproximar, e aprender a ficar mais tempo com minha  
 família.

4) Mudanças na escola?  
 Estranho pelo o afastamento e pelas novas regras de  
 cuidados.

5) No estudo a distância?  
 Não consigo me concentrar e não aprendo nada.

6) Mudanças sobre o novo ensino médio?  
 Não fazemos parte do novo ensino médio.

7) Sobre o currículo?  
 Não sei.

8) O que mais no antigo currículo?  
 O horário.

9) E do novo currículo?  
 Algumas aulas mais feitas na prática.

10) O que mais gosta no antigo currículo?  
 Nada.

11) O que menos gosta no novo currículo?  
 Por ser muito cansativo.

12) As plataformas?  
 Algumas boas outras ruins.

13) Aulas gravadas?  
 Acho necessário por a forma de explicar é diferente.

34) caracterização da formação dos trabalhos?  
Não. Já tempo.

35) Tipos de trabalhos?  
Um que ganha bem e que eu consigo me dar bem.

36) O que está no período da pandemia?  
1º ano.

2º ano.

3º ano.

4º ano.

5º ano.

6º ano.

7º ano.

8º ano.

9º ano.

10º ano.

11º ano.

12º ano.

13º ano.

IDADE: 17  
GÊNERO: FEMININO

COR: BRANCA  
TRABALHO: NÃO  
RESIDE: C/OS PAIS

- 1- O medo e a ansiedade sobre as que poderia acontecer.
- 2- Conviver com crises de ansiedade por causa de pessoas que-ridas e a mudança de país devido ao isolamento.
- 3- Aprendi a dar valor em cada contato físico e cada pessoa que está ao meu lado.
- 4- Senti falta de ir à escola diariamente e concentrar meus colegas.
- 5- O estudo à distância foi o maior desafio para mim pois na época nem internet nem casa eu tinha.
- 6- É difícil se adaptar principalmente nos que estamos no último ano.
- 7- Existem certas matérias que na minha opinião são muito assustadoras.
- 8- Tenho apenas disciplinas necessárias.
- 9- Os professores são mais amáveis e de maior conhecimento.
- 10- A falta de explicação.
- 11- A sobrecarga devido a quantidade de conteúdo.
- 12- São interessantes e ajudam na aprendizagem.
- 13- As aulas gravadas são difíceis de entender porque são muito rápidas.
- 14- Gosto pois ficar em tempo integral não dá para arrumar um emprego por falta de tempo.
- 15- Quero trabalhar em uma área que eu goste e consigo entregar resultados melhores possíveis.
- 16- A pandemia começou eu estava no 9º ano e voltei à escola no final do 1º ano de ensino médio.

IDADE: 18 ANOS  
GÊNERO: FEMININO

COPI: BRANCA  
TRABALHO: NÃO  
RESIDE: COM 2 IRMÃOS

- ① Durante a pandemia muitas pessoas ficaram ou sofreram com sequelas.
- ② Ficar em casa quase que em tempo integral.
- ③ Eu descobri alguns hobbies e fiquei mais perto da minha família.
- ④ Foi bem difícil de início para me adaptar ao ensino online e ficar longe dos colegas.
- ⑤ É uma experiência bem legal ficar integralmente no colégio mas também é um pouco cansativo.
- ⑥ As matérias são legais mas, não as acho tão úteis.
- ⑦ As matérias não mudaram, apenas foram acrescentadas novas.
- ⑧ Eu acho normal.
- ⑨ Eu gostava do antigo currículo.
- ⑩ Não gosto que agora tenha muitas aulas de exatas na semana.
- ⑪ Acho os plataformas úteis e fáceis de usar.
- ⑫ Estudos dirigidos são melhores.
- ⑬ De uma forma positiva.
- ⑭ Atendimento ao público.
- ⑮ Durante a pandemia estava no 9º ano.

IDADE: 13  
GÊNERO: FEMININO

COR: BRUNTA RESIDE: SOBRIA  
TRABALHO: N/A

- ① A pandemia começou pra mim com uma aviso na escola de que não haveria mais aulas por consequência da COVID-19. As principais complicações foram a falta de aulas e não conseguir assistir a elas online, no medo por ver uma coisa nova que estava causando muitos mortes.
- ② O isolamento não causou muitos danos a minha família, mas ficar muito tempo sozinha e com tudo que estava ocorrendo me trouxe problemas psicológicos.
- ③ Eu aprendi muita coisa sobre a vida enquanto estava em casa, minha mente mudou muito, aprendi coisas novas também como desenhos, escrever, etc...
- ④ Voltar para a escola depois de tudo foi difícil, não aprendi a socializar e não sabia muito coisa mas no fim foi melhor.
- ⑤ O novo currículo médio é bem legal, apesar de não fazer parte com mudanças ainda assim como: aula em tempo integral, atividades e almoço na escola.
- ⑥ Lhei bem, apesar de alguns novos materiais não serem tão interessantes.
- ⑦ conteúdos principais mais importantes.
- ⑧ não acho tão ruim assim.
- ⑨ nada, pra mim tá bom, no máximo a falta de algo diferente, interessante.
- ⑩ alguns matérias desnecessárias
- ⑪ é algo interessante, alguns são muito boas.
- ⑫ acho bom, se sinto falta de ter que fazer um resumo para não esquecer.
- ⑬ tempo mudou muito rápido e foi um ano

para testar o integral, sinto que foi um pouco difícil na organização mas modo que interfira ou ajude, mas gostei de fazer parte.

⑭ um em que tenho mudanças, idéias, que pague bem, e seja algo que goste, mas se modo de certo ter um ajuda.

⑮ 9º ano de fundamental.

IDADE: 18  
GÊNERO: Feminino

COR: BRANCO  
TRABALHA: NAO

1. Dificuldade de aprendizado, passagens de impregados  
têm muitos pontos e deixando em muitos segue-  
las e problemas.
2. Não pude fazer coisas ~~mas~~ como curbs,  
culas de instrumentos, não podia sair sem uso  
de máquina.
3. Passei mais tempo com a minha família (pai,  
mãe e irmãos).
4. Não consigo aprender quase nada, eu tinha  
dificuldade no curso a internet e os trabalhos  
impressos.
5. Foi uma mudança radical, pouco tempo  
e exaustivo e eu não tive escolha tendo que continuar  
ser no integral.
6. Atividades fora da escola, via fácil de aprender  
os conteúdos e sem pressão para entregar trabalhos.
7. Não que aprender a gostar, é muito cansativo e  
muitos conteúdos e matéria para estudar.
8. São muitas plataformas o que é mais complicado  
são os (quizzes) que tem prazo curto para entrega  
e tem muito coisa para fazer e pensar em sala  
de aula.
9. Muitos alunos não conseguem aprender apenas  
assistindo, aprendem na prática e isso afeta  
muito vários estudantes.
10. Um trabalho que eu consigo suprir muitas  
dúvidas e necessidades, que respete a diversidade,  
um espaço dinâmico e colaborativo uma comunica-  
ção fluida que eu tenha equilíbrio entre a vida  
pessoal e profissional sendo um trabalho que eu  
goste.

IDADE: 17  
 Gênero: MASCULINO  
 Cor: BRUNO

TABAGISMO: NÃO  
 RESIDE: PAÍS

1. Não tem nenhum experimento, na realidade foi uma parte muito boa da minha vida, ficando somente em casa, por mim.

2. Nenhum.

3. Ficou em casa, não ir pro colégio.

4. Fiquei mais burro.

5. Não sei, não entendo.

6. Uma tortura.

7. Não lembra de nada, quero ir embora daqui!

8. Um desrespeito.

9. Não assiste.

10. Somente observação mudanças.

11. Que eu possa ficar rico e trabalhar de casa.

12. 9º ano.

Eu quero estar em casa,  
 me tira desse inferno.  
 POR FAVOR!

!!  
 ~

IDADE: 17      COR: MORENO  
 Gênero: M      TRABALHO: NÃO  
 RESIDE: COM A MÃE

1- Sei um pouco sobre covid porque não podia sair de casa e recebi um teste que não mostrou e a escola era ~~fechada~~ online

2- não podia jogar bola não sair de casa e jogar Covid-19

3- ~~o~~ não teve pontos positivos

4- ~~o~~ não me sentiu bem porque é contatado

5- Sei um pouco sobre

6- não sei o nome de mais nenhum médico mais sei o nome de ~~alguns~~ integrais

7- não aprendi nada

8- nunca leio

9- de todos os filmes não assisti nada

10- ~~o~~ conheço os veterinários ou professores de educação física

11- no 9º ano

As figuras que aparecem a partir de agora serão dos questionários considerados por nós como “descartados” desde o início.

IDADE: 18  
GÊNERO: FEM.

COL: PANDA  
TRABALHO: NÃO  
RESID: LO

- 1) Um dos principais sofrimentos foi não poder sair de casa.
- 2) Medo de sair de casa e pegar a doença.
- 3) Nenhum!
- 4) Não foram boas, estudar em casa é chato!
- 5) Desgostante pelo fato de ser integral.
- 6) Não gostei.
- 7) As matérias não pareciam tão chatas.
- 8) Poder ganhar mais ou mais.
- 9) Para mim era de ler.
- 10) Dobras em algo que nem o professor sabe.
- 11) Não gostei tanto! poderia ser igual antes.
- 12) Não ensinam nada.
- 13) Afeta no desgaste da mente.
- 14) Um que eu me sinto realizada.
- 15) No 9º ano.

Entendo que os professores precisam passar matéria  
Mas precisam entender que a mesma mente também coma...

IDADE: 17  
 Gênero: MAS  
 cor: BRANCA

TRABALHA: N/A  
 RESIDE: C/OS PAIS

1- Perdi um ente querido 2- Nenhum 3- Ficar em casa  
 com minha família 4- Fiquei mais burro 5- Não sei  
 6- uma tortura estudar o dia inteiro 7- não lembro  
 de nada 8- um desvarão 9- não sei 10- afetado  
 gravemente 11- dar saudades 12- 9<sup>o</sup>

ME TIRA DAQUI

SOCORRO

SOS

NÃO AGUENTO MAIS

RESID: C/02 PAIS IDADE: 17 LOR: BRANCA  
GÊNERO: MASC TRABALHO: N/A

Usar máscara; Não me lembro; Facilidade em resolver problemas e ficar com a família; Fiquei desprovido de inteligência; Horruel; Uma tortura; Não lembro de nada; Um desovango; Não existo; Afetou-me gravemente; Ser rico; 9<sup>o</sup> Ano.

IDADE: 18  
GÊNERO: MEX.

COR: PANDA  
TABAGICA: NÃO  
RESID: Casa A mãe

- 1) Não sabe escrever e falar com familiares e amigos
- 2 - Não pode sair de casa e sair com amigos
- 3 - não tem...
- 4 - estresse
- 5 - ruim
- 6 - não sabe
- 7 - não
- 8 - alimentação ruim
- 9 - doença progressiva
- 10 - não

IDADE: 18  
Gênero: M

COR: BRANCA  
TALHANTA NÃO  
RESID: NÃO

- 1- Distanciamento
- 2- Mais tempo com a família
- 3- foi bom e ruim, bom porque não precisava ir a escola e ruim porque era estressante.
- 4- Bom
- 5- Nada
- 6- Nada
- 7- Nada
- 8- Bom
- 9- depende
- 10- Na área de ed física
- 11- 9º ano

IDADE: 17  
 Gênero: F

COR: Branca  
 Trabalho: N/A  
 Residência: C/PAIS

1. foi um período muito horrível de muito medo, ao receber notícia ruim os pensamentos piorava, não pode sair de casa.
2. ponto positivo foi que a família se uniu
3. foi um pouco difícil se acostumar, como mãe que último ano
  - os estudos a distância prejudicou muito que é diferente do presencial
  - aos plantões foi algo mais muito legal.
  - um trabalho que eu gosto e que eu me encara bem.
  - eu já comecei o 3º ano na pandemia

INDX: 17  
 GENIM F  
 COM PARDA

TRABALHO: EM CASA

ACBDC: MARIDO E

FILHO

- 1- ~~Perdas~~ Perdas de familiares.
- 2- Pessoas da minha família testar positivo para o covid 19.
- 3- Nenhum / 4- Não penses de novo ensina médio, uma pessoa do integral
- 4- ~~Meu conceito foi difícil, mas agora me acostumei:~~
- 5- detestava
- 6- Israel, muito cansativo;
- 7- algumas matérias estavam além legal, a dominica está bem diferente.
- 8- legal.
- 9- melhor.
- 10- Agronomia.
- 11- 9º ano.

IDADE: 18  
G: F

C: PAADA  
RESID: C/MEUS PAIS

- ① minha principal dificuldade foi a perda de familiares
- ② nenhum ponto positivo
- ③ não sou de nível ensino médio, mas me tornei integral.
- ④ destarte a causa remota
- ⑤ uma tortura o ensino médio

RESIDE: PAÍS  
E IRMÃOS

IDADE: 17  
COR: AMDA

CÊ. MÃO: F.  
TRABALHO: N/A

- 1 - muitas pessoas morreram, ficaram em cama e tiveram sequelas, isoladas.
- 2 - parei de estudar, uso de máscara.
- 3 - não tive pontos positivos
- 4 - mudou para aula online
- 5 - a aula online foi horrível
- 6 - está sendo normal
- 7 - acho diferente e bom pra quem quer aprender.
- 8 - eu gostava
- 9.

IDADE: 18  
GÊNERO: F  
COR: BRAN

TRANSPLA: SIM  
RESID: PAIS

Uma dificuldade que enfrentei foi ter desenvolvido a ansiedade. O que me afeta até hoje.

IDADE: 18  
C.C.M.M.O. - F

COR: BRANCA RESID: MFC  
TUBERCU: MFC

Tive dificuldades em relação aos estudos, pois, não tive aulas online na minha 1ª série, implantaram a plataforma no final do ano, então não tenho lembranças.

A partir da 2ª série não conseguia acompanhar as aulas e desenvolvi ansiedade.

IDADE: 18  
CICLO: 1º F

COL: BOMAS  
TUTOR: NTE

RESID: NTE

Tem dificuldades em relação aos estudos, pois, não teve aulas online na minha 1ª série, implantaram a plataforma no final do ano, então não tenho lembranças.

A partir da 2ª série não conseguia acompanhar as aulas e desenvolver atividades.

RESIDU: PAIS  
E IRMÃ

IDADE: 18  
C: F

CON: PANDA  
TRABALHO: N/A

Foi uma fase muito difícil para todos tendo que ter limites e regra a seguir para segurança dos pessoas.

Um dos maiores problemas foi a morte de muitas pessoas. Os pontos positivos foi as pessoas aprende ser mais higienicas em tudo e mais preocupados com a saúde tanto mental quanto física. As mudanças no colegio foi difícil até se acostumar, o estudo a distancia foi horrível. O periodo em que eu estava na pandemia foi 1º e metade do 2º.

IDADE: 23      TRABALHO: NUNCA  
G: MASCULINO  
COR: PARDA      RESID: C/PAIS

A vacinação do covid-19.  
Ficar em casa isolado.  
Sentir falta das amigas.  
Estado presencial e online.  
Novas matérias.  
Português e inglês  
matemática  
Biologia  
Filosofia  
Português  
Inglês Paraná, Quizz, Redação Paraná, etc.  
Sim algumas são gravadas.  
Alguns melhoraram e outros não.  
Informática  
1ª série, 2021